

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Departamento de História**

Henrique Safady Maffei



**Ninguém sabe onde fica o Haiti:**  
uma abordagem cinematográfica

Porto Alegre, novembro de 2010

Henrique Safady Maffei

**Ninguém sabe onde fica o Haiti:**

uma abordagem cinematográfica

Trabalho apresentado como requisito para aprovação na atividade curricular de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Curso de História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Orientador: Prof. Enrique Padrós

Porto Alegre

2010

*A realidade é muito simples:  
ninguém sabe nada sobre o Haiti.  
Nem mesmo os soldados que estavam viajando para  
integrar as forças de paz da ONU, no geral, tinham  
informações mais consistentes. O Exército deu um  
treinamento superficial, voltado sobretudo para alguns  
aspectos da própria missão. Um dos cabos que viajou ao  
meu lado, Ferraz, chegou a me perguntar em que parte  
da África ficava o Haiti. Como eu tinha levado alguns  
mapas, mostrei a localização exata da ilha, a fronteira  
com a República Dominicana e a proximidade com os  
Estados Unidos, o que o animou bastante. Muitos  
soldados pretendiam conhecer Miami e, lógico, comprar  
lá todo tipo de tralha. Esse foi um dos principais  
assuntos durante o voo para Porto Príncipe.*

**Tailon Ruppenthal**

*Na América, as revoltas dos negros foram extremamente  
numerosas – mas, por terem fracassado, a não ser a  
última, no Haiti, não tiveram  
o direito de entrar para a História.*

**Marc Ferro**

## **AGRADECIMENTOS**

Este trabalho é obra de muitas pessoas. Por ser composta de duas partes, uma escrita e outra audiovisual, ela seria impossível de ser realizada se não fosse a dedicação e o carinho de diversos amigos e companheiros. A parte cinematográfica, sobretudo, contou com o apoio e o trabalho de diversos amigos. A eles e elas sou agradecido por poder imprimir uma visão particular sobre o Haiti, que não existiria de outra forma. Todos esses terão seus nomes gravados nos créditos do filme.

Como Trabalho de Conclusão do Curso de História, quero em primeiro lugar fazer uma menção especial aos Professores César Guazzelli e Enrique Padrós. Ao primeiro, pela ideia ousada e revolucionária de acolher uma proposta inédita de dissertação histórica, impressa a laser em DVD. Ao segundo, pela ajuda e orientação nessa caminhada de transformar uma obra cinematográfica em um trabalho de conclusão de curso.

Um grande obrigado a todos os amigos que me ajudaram na construção desta obra, em particular a Hugo Scotte, jornalista, fotógrafo e camarada que discutiu por horas a fio muitos dos temas aqui expressos, a Tailon Ruppenthal que com seu livro pode me aproximar da realidade vivida no Haiti enquanto soldado da missão da ONU e a Steeve Zephir, haitiano amigo que me permitiu dialogar com o povo em sua língua materna.

Por fim, agradeço ao povo haitiano porque sem ele, sem sua luta, nenhuma das duas partes deste trabalho seriam possíveis.

## **RESUMO**

Esta monografia é composta de duas partes, uma em forma de texto, e outra em forma audiovisual em DVD. Em conjunto, elas abordam o Haiti contemporâneo que vive sob intervenção das tropas da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH, em sua sigla em francês). Trata-se de um registro de história oral de diversos segmentos do povo haitiano, contextualizando sua cultura e seu olhar sobre o momento atual. Analisa a importância do registro e da discussão histórica atual, valorizando o tempo presente, o historiador como construtor de novas fontes históricas e o Cinema como ferramenta e linguagem de expressão historiográfica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Haiti, MINUSTAH, História do Tempo Presente, Cinema

## **Dados técnicos do filme**

### **Ninguém sabe onde fica o Haiti**

Diretor e Produtor: Henrique Maffei

Direção de Produção: Sheila Zago

Direção de Fotografia: Rodrigo Góes

Técnico de Som: Marcos Lopes da Silva

Assistente de Produção e Intérprete: Steeve Zephir

Gravado no Haiti em 2007. Gravado no Brasil e Haiti em 2010.

Ano de finalização: 2010

Duração: 60 minutos

Idiomas: Creole haitiano e Português

## Entrevistados do filme

**Kerna** – Cozinheira, moradora de Carrefour, na periferia da capital Porto Príncipe. Soterrada pelo terremoto e resgatada.

**Ebby** – Jovem estudante de Cinema em Jacmel, no sul do Haiti. A escola chama-se Cine Institut e é financiada por um empresário norte-americano.

**Max Beauvoir** – Ogan, líder espiritual e condutor de cerimônias vodu. É também Ati, chefe supremo do vodu. Seu perestil se localiza na periferia de Porto Príncipe. Foi lá que em 2007 pude capturar imagens de uma cerimônia vodu.

**Adje** – Jovem haitiano que mora no acampamento de Champs Mars, em frente ao Palácio Presidencial, no centro de Porto Príncipe. Até então estava sem trabalho e escola.

**Fabio** – Jogador de futebol do ASKAR (Associação Esportiva de Carrefour), time da segunda divisão haitiana. Atualmente treina num campo mais afastado da capital Porto Príncipe, já que a sede de seu clube foi ocupada por desabrigados.

**Steeve** – Estudante haitiano em intercâmbio na Administração da UFRGS. Está no Brasil desde 2007. Antes, cursou alguns semestres de psicologia na Universidade do Haiti. É professor de dança em academias particulares.

**Normélia** – Brasileira, professora Doutora em Letras pela FURG. Especializada em literatura haitiana. Atualmente dirige o Centro Cultural Brasil-Haiti, em Porto Príncipe. A instituição é vinculada à Embaixada Brasileira no Haiti, ao Ministério da Educação e ao Ministério da Cultura. Normélia também leciona aulas de português para haitianos no Centro.

**Magda** – Jovem haitiana, dançarina. Morava em Porto Príncipe, mas o terremoto deslocou sua família para Port Salut, no Sudoeste do Haiti.

**Ti Fre're** – Velho pescador em Port Salut. Já cruzou o Haiti por conta da pesca, mas desde 1986 vive nessa pequena localidade.

**Anderson** – Motorista contratado pela equipe. Era comerciante numa região popular de Porto Príncipe. Enfrentamentos entre a polícia e apoiadores de Aristide em 2004 terminaram com a queima de 23 lojas, entre elas a sua. Endividado por conta desse incidente, passou a oferecer serviços de mecânico e motorista principalmente para estrangeiros. Teve sua casa destruída pelo terremoto, mas não sofreu ferimentos. Vive com a família na periferia da capital, ao Norte.

**Padre Robert** – Padre católico da paróquia de N. Sra. Montcarmel de Bizoton em Porto Príncipe. A igreja foi bastante danificada com o sismo e atualmente as missas se realizam embaixo de barracas.

**Montinor** – Costureiro que trabalha na casa de parentes na beira de uma estrada ao sul de Porto Príncipe. Antes do terremoto, trabalhava na capital, mas como sua casa foi afetada, teve que se refugiar com os parentes.

**Marco** – Jovem pintor que atualmente trabalha em Jacmel, no Sul do Haiti. Ele próprio vende suas obras na praia. Trabalhava na capital, mas no dia do terremoto estava em Jacmel e acabou ficando por lá.

**Rigot Ale** – Professor de Biologia numa escola privada de Carrefour. A escola não sofreu danos mas por orientação do Ministério da Educação, os alunos estudam embaixo de barracas fornecidas pela UNICEF.

**André Etienne** – Carvoeiro de madeira. Estava no Campo dos Mortos – uma das milhares de valas comuns feitas após o terremoto – quando gravávamos imagens.

*Obs.:* Todas essas entrevistas foram feitas em 2010, em sua maioria gravadas em creole com a breve tradução de Steeve.

## Mapa do Haiti<sup>1</sup>



Haiti e sua posição no Mar do Caribe.

1 Fonte: [maps.google.com](http://maps.google.com). Acessado em novembro de 2010. Mapas editados.

## SUMÁRIO

Agradecimentos.....	4
Resumo.....	5
Dados técnicos do filme <i>Ninguém sabe onde fica o Haiti</i> .....	6
Entrevistados do filme.....	7
Mapa do Haiti.....	9
<b>1. Ninguém sabe onde fica o Haiti: o Projeto</b> .....	<b>11</b>
1.1. Um pequeno Histórico.....	11
1.2. Metodologia do trabalho.....	14
1.2.1. O site.....	15
1.2.2. A pré-produção.....	16
1.2.3. A produção.....	19
1.2.4. A pós-produção.....	22
<b>2. Cinema, História e Tempo Presente: um diálogo necessário</b> .....	<b>24</b>
2.1. O Estudo do Tempo Presente.....	24
2.2. A história no cinema.....	26
2.3. O caso de Ninguém sabe onde fica o Haiti.....	28
<b>3. O Haiti sob tutela</b> .....	<b>31</b>
3.1. A construção da nação haitiana.....	32
3.2. A MINUSTAH.....	34
3.3. O terremoto: ruptura da história.....	38
3.4. Conclusão.....	40
Fontes.....	41
<b>Anexo I – Seleção de textos do Blog <i>Ninguém sabe onde fica o Haiti</i></b>	
<b>Anexo II – Roteiro do filme</b>	

## **1. Ninguém sabe onde fica o Haiti: o projeto**

### **1.1. Um pequeno histórico**

O Brasil assumiu o comando da Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (MINUSTAH, na sigla em francês) em 2004. Em fevereiro daquele ano, o presidente Jean-Bertrand Aristide abandonou o palácio presidencial de helicóptero, escoltado por tropas estadunidenses que já estavam no país. Estados Unidos, França e Canadá enviaram militares para tentar conter os paramilitares de direita que enfrentavam-se nas ruas com milicianos do presidente. Segundo versões oficiais, Aristide renuncia ao poder para fugir do país auspiciado pelos Estados Unidos. Sua versão, no entanto, divulgada após chegar a África do Sul, onde encontra-se exilado até hoje, é a de que foi destituído do poder por um golpe de Estado e forçado a assinar sua renúncia.

A resolução 1529 do Conselho de Segurança da ONU, de 29 de fevereiro de 2004, determinou a intervenção de uma força militar multinacional (MIF) para garantir a Constituição do Haiti e a paz. A MIF legitimava a presença dos exércitos que lá se encontravam ante a queda de Aristide. Posteriormente, a resolução 1542, de 30 de abril de 2004, criou a MINUSTAH, substituindo as forças estadunidenses, francesas e canadenses com data definida de início de operações para 1º de junho de 2004. Foi então que o Brasil se propôs a liderar a missão, fato aceito pela comunidade internacional, enviando o maior contingente militar para o Haiti, na maior participação brasileira em forças de paz da ONU.

Nesse momento, algumas manifestações políticas ocorreram no Brasil contra o envio de tropas, naquilo que alguns setores percebiam como “sub-imperialismo” brasileiro ou “submissão aos interesses dos EUA”. Desde aquele episódio, a ideia de fazer um filme me perseguiu. Inicialmente pretendia documentar a maior intervenção militar brasileira no pós-guerra fria, contrastando com as

questões sociais, fossem as mobilizações no Brasil ou as mazelas que afetavam a ambos os países. Mas também tinha um desejo de filmar uma obra de ficção que retratasse a vida de um soldado na MINUSTAH, com seus dramas, suas dificuldades e sua participação na missão. A vida me fez abandonar a ideia por algum tempo.

No início de 2007, um livro me chamou a atenção: *Um soldado brasileiro no Haiti*, de Tailon Ruppenthal. Era exatamente a ideia que eu tinha que via ali, concretizada em um livro, na minha frente. Fui atrás do autor, um ex-soldado do primeiro contingente que mora em Três Coroas, no interior do Rio Grande do Sul. Junto com Hugo Scotte, jornalista e fotógrafo, entrevistei-o para uma revista, contando suas vivências no Haiti. Foi do livro que surgiu o nome do projeto. Do excerto que abre este trabalho surgiu a percepção de que quando se fala de negros e miséria, logo se pensa em África; ao mesmo tempo, percebi que assim como Tailon, vários dos soldados que estiveram na Missão, acabaram descobrindo seu próprio país ao estarem em solo haitiano. Não é por acaso que Brasil e Haiti tem uma desigualdade social muito grande e próxima<sup>2</sup>. Assim, o título assumia esse duplo sentido: o geográfico e o social, numa lembrança de que o Haiti é aqui e ao mesmo tempo não é aqui.

Após o contato com Tailon, surgiu uma oportunidade em maio de 2007: um grupo de sindicatos organizavam uma caravana de solidariedade ao povo haitiano. Como trabalhava com audiovisual, consegui que um deles, o Sindisprev do Rio de Janeiro, financiasse minha ida. Seria uma oportunidade de documentar a caravana e ao mesmo tempo registrar imagens para uma obra própria. Foi assim que fui para o Haiti no final de maio e acompanhei os sindicalistas durante dez dias. Quando eles voltaram ao Brasil, continuei em solo haitiano; então, pude acompanhar o outro lado da missão, o trabalho dos militares do Exército Brasileiro. Em ambos momentos de minha ida, tive uma dificuldade concreta: o não domínio da língua creole, o que me impediu de falar diretamente com os habitantes do

2 Segundo dados do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (PNUD) divulgados no relatório de Desenvolvimento Humano de 2009, o Brasil registra 55 pontos no índice GINI e o Haiti 59.5. Esse índice classifica a desigualdade, sendo que quanto mais desigual, mais próximo a 100. Em comparação com outros países da América Latina, podemos destacar os seguintes índices: Honduras, 55.3; República Dominicana, 50; Argentina, 50; México, 48.1 e Venezuela, 43.4. <http://hdrstats.undp.org>. Acessado em outubro de 2010.

país.

No retorno ao Brasil, tentei de alguma forma obter material para fazer um filme, e percebi a necessidade de procurar outras pessoas que me dessem depoimentos, além do ex-soldado Tailon. Foi assim que criei um *site* na internet e, com divulgação através do *Orkut*, pude entrar em contato com militares brasileiros de quase todos os contingentes que haviam passado pelo Haiti até então. Foi assim que obtive relatos, via email ou através de contatos pessoais, de pessoas que viveram o cotidiano da missão, o que me permitiu aprofundar mais ainda esse sentimento de identificação entre os dois países.

Até então, o foco do filme estava na visão dos militares, não do discurso oficial, mas dos subalternos que enfrentavam as dificuldades do dia a dia. Percebi, entretanto, que algo faltava: a visão do haitiano, sem interlocutores. Foi assim que o projeto do filme ficou guardado para um futuro incerto, enquanto me dedicava a estudar a história do Haiti, com vistas a conhecer mais sobre o país e a elaborar um trabalho de pesquisa sobre ele. Foi dentro desse processo que tive contato com uma das pessoas fundamentais do projeto, o estudante haitiano Steeve Zephir, acadêmico do curso de Administração da UFRGS. Ele seria a “porta de entrada” para ouvir a voz dos haitianos diretamente.

Em 12 de janeiro de 2010, o terremoto que abalou o Haiti colocou o país nos meios de comunicação: jornais, internet, TVs, revistas dos mais variados assuntos. Meu site teve um aumento de acessos impressionante: de três ou quatro visitas diárias, pulou para 1000, 4500 e 3000 visitas nos dias imediatamente posteriores ao terremoto<sup>3</sup>. Quase todos buscavam no Google a frase: “onde fica o Haiti”. Foi assim que jornais como *A Folha de São Paulo* e *O Globo* ficaram conhecendo o projeto do filme e me entrevistaram. A partir daí, não tinha mais escolha: eu tinha que voltar ao Haiti para registrar novas imagens e ver o que se passava lá. Não só pelo senso de obrigação que a publicidade deu ao projeto, mas sobretudo pelo impacto que a tragédia teve sobre mim, e também sobre Steeve, quem ficou quase três semanas sem saber notícias da família. Se estavam vivos ou não. Uma ligação telefônica lhe trouxe o alívio: todos estavam vivos e bem.

---

3 Dados conferidos a partir do site de controle de acessos *Google Analytics*.

A partir desses fatos, organizei uma equipe para voltar ao Haiti. Dessa vez não iria sozinho, mas com um grupo de pessoas que me ajudariam a fazer o filme e Steeve, quem seria meu intérprete junto ao povo. Foi isso que fizemos: fomos muito abertos a observar, tentando nos dirigir a pessoas simples, que fornecessem informações que permitissem retratar uma leitura desde a visão do povo, e não dos militares ou das autoridades, fossem elas haitianas ou brasileiras.

## **1.2. Metodologia do trabalho**

O Haiti tem sido um tema presente em muitos noticiários. Antes do terremoto o enfoque jornalístico sempre tratou de mostrar um relato oficial do que estava ocorrendo: a presença brasileira na missão da ONU vista sempre a partir do ângulo dos militares, particularmente dos oficiais. Poucas foram as matérias ou artigos produzidos na grande imprensa que retratassem o que opinam os próprios haitianos. Após a tragédia, o foco foi mostrar por um lado o evento em si e por outro o trabalho de resgate. Algumas poucas matérias foram produzidas posteriormente, apontando as dificuldades da reconstrução ou dos desabrigados que estavam em precaríssima situação. O documentário que apresentamos sempre teve a preocupação de fugir desse lugar comum por dois motivos. O primeiro, não ter a pretensão nem o objetivo de realizar uma cobertura jornalística – a bem da verdade, nem teria condições de disputar nesse terreno com a grande mídia. O segundo motivo está relacionado com a persistência da ideia de querer mostrar mais do que um mero registro da vida contemporânea, colocando foco na elaboração de um discurso de caráter social e histórico, que documentasse a importância da história haitiana para a América e ao mesmo tempo apontasse para a relação Brasil-Haiti.

Dessa forma, a metodologia de trabalho que descrevo em seguida esteve vinculada com estes objetivos. Me limitarei ao segundo momento do trabalho, que é o pós terremoto, já que o primeiro,

tratou-se de um contato inicial com o tema e registro da caravana de sindicalistas. Apesar disso, algumas das imagens registradas em 2007 também estão presentes no filme, como ilustração do país antes da tragédia.

### 1.2.1 – O Site

O site *ondeficaohaiti.com.br* foi criado em 2007. Ele continha um trailer com as imagens captadas na primeira viagem, fotos, um blog com dois textos sobre a história do Haiti e uma página de contato. O objetivo era dar publicidade ao projeto do filme e permitir o contato com pessoas, civis ou militares, que estiveram no Haiti para possíveis depoimentos. Até a eclosão do sismo, o site cumpriu essa função, sendo que os dias que se seguiram o terremoto chamaram a atenção da imprensa para o projeto.

A intenção a partir desse momento era informar ou emitir opiniões sobre o terremoto, mas como o site era de difícil atualização, a necessidade de ter uma resposta mais ágil levou a criação de um segundo espaço virtual. Foi assim que se criou o blog, *ondeficaohaiti.blogspot.com*. Foi através dele que pude publicar notas oficiais, algumas reportagens que me chamavam a atenção e ao mesmo tempo minhas visões sobre o ocorrido. Durante alguns dias o blog cumpria um papel de sistematizar algumas informações para os internautas que pesquisavam sobre o ocorrido.

Passado o primeiro momento de frenesi pós tragédia e com a decisão já tomada de organizar uma segunda ida ao Haiti, o blog mudou de função. Passou a informar sobre as atividades do filme em si. Desta forma, durante os preparativos para a viagem, a gravação e o retorno ao Brasil, ele também serviu de publicação de um diário de bordo, narrando as principais atividades em solo haitiano. Esta parte do blog está anexada a este trabalho (Anexo I).

### *1.2.2 – A pré-produção*

Com a ideia clara sobre a necessidade de organizar uma equipe comecei o trabalho de pré-produção que se iniciou já nos primeiros dias de março, menos de dois meses depois do 12 de janeiro. Não tinha financiamento para a empreitada, mas decidi colocar algumas economias próprias para garantir a feitura do filme. As fontes próprias permitiam pagar os custos com a viagem em si, mas não para equipamentos e contratação de pessoal. Também contei com o auxílio financeiro de alguns amigos que ajudaram em uma pequena parte dos custos.

Tratei de contatar profissionais do audiovisual que pudessem se somar ao projeto, tendo claro que não haveria verba para pagamento de cachês e os riscos do que significava ir para uma terra que poderia sofrer novos abalos. Depois de algumas reuniões, defini a equipe que foi composta de cinco pessoas: a diretora de produção, Sheila Zago, responsável por resolver todas as necessidades técnicas e administrativas; o diretor de fotografia, Rodrigo Góes, que junto com o diretor pensava a estética imagética do filme e operava a câmera; o técnico de som, Marcos Lopes da Silva, que gravava o áudio, o intérprete, Steeve Zephir, que traduziria brevemente as falas dos entrevistados e por fim, o diretor, eu, Henrique Maffei que dirigia a equipe e pensava o conjunto do filme, além de conduzir a entrevista. Steeve, desde a pré-produção passou a cumprir o papel de assistente de produção, auxiliando a mim e a Sheila, já que era quem dominava o creole.

Num trabalho paralelo, busquei contatos com militares que pude conhecer na primeira visita à ilha e outros que estavam no Brasil, com o objetivo de obter algum tipo de apoio logístico já que não tínhamos ideia do que encontraríamos pela frente, apenas uma vaga impressão de que a situação era bem mais complicada e precária que a encontrada na experiência anterior.

Trabalhando junto com Steeve, estabelecemos contatos com sua família em Porto Príncipe na tentativa de eliminar dúvidas a respeito de questões básicas de logística. Afinal, não sabíamos se supermercados, hotéis, postos de gasolina funcionavam. É necessário assinalar que a internet ficou

sem conexão por muitos dias desde a catástrofe e *sites* haitianos estavam ou fora do ar ou completamente desatualizados. Precisávamos garantir que a equipe pudesse ter alojamento, comida e transporte. Era em relação a esses quesitos que tentei conseguir apoio com a base brasileira.

Apesar dos militares serem muito atenciosos aos nossos pedidos, tudo foi muito difícil, tendo em vista que as próprias instalações do Brasil tiveram que ser readequadas à nova situação, ao mesmo tempo que serviam de abrigo para a imprensa de todo o mundo por um bom período<sup>4</sup>. Além disso havia uma condicionante: a base não poderia abrigar um haitiano em suas dependências, ou seja, teríamos que buscar outro abrigo para Steeve, nosso intérprete e peça chave do documentário. A explicação do Serviço de Comunicação Social do Exército era a de que por razões de segurança da base, ela não poderia receber haitianos, tendo em vista que muitos pediam abrigo nas instalações militares brasileiras.

Além desse problema, ficar na base significaria uma limitação de trabalho, tendo que cumprir muito de uma agenda militar que não nos interessava nesse momento. Com a notícia de que alguns hotéis estavam funcionando, optamos por conseguir um e passamos a enfrentar outro problema: o carro.

É importante que se diga que o custo de vida para estrangeiros no Haiti, é extremamente alto. Por um lado, as ONGs – há mais de 400 em atuação no país – têm condições econômicas de pagar por serviços da melhor qualidade, ou pelo menos de nível internacional, se preocupando mais com o conforto do que com o preço. Além delas, há os milhares de funcionários da ONU e suas repartições que têm todos os gastos custeados pela entidade e ainda recebem um adicional de risco de vida por ser

---

4 A base brasileira não sofreu danos materiais significativos. Entretanto, alguns pontos avançados de vigília, os chamados “Ponto Forte” no jargão militar, foram destruídos pelo terremoto. Em especial o chamado Ponto Forte Escola Azul – um prédio de três andares na região de Cité Soleil – que desmoronou completamente matando 10 militares brasileiros. Ao todo, é 21 o número de brasileiros mortos na tragédia: 18 militares, o diplomata Luiz Carlos da Costa, a missionária Zilda Arns e uma mulher que teve sua identidade preservada a pedido da família.

Por ser uma das maiores bases localizadas em Porto Príncipe, o Batalhão Brasileiro (BRABAT) serviu de base para jornalistas de inúmeros países, já que também foi ali que o sinal de internet foi prontamente restabelecido (outro ponto era o aeroporto controlado e isolado por militares estadunidenses). O filme não cita os brasileiros mortos por entender que ele trata das vítimas do terremoto em geral – numa cifra de mais de 300 mil mortos – e por se tratar de uma obra cuja veiculação pretende-se internacional, deter-se num caso particular poderia erroneamente significar um desrespeito às vítimas de outros países.

uma “zona em potencial de conflito”. Por outro lado, o estrangeiro é visto como alvo de uma oportunidade de lucro já que, geralmente, como representante de instituições ricas, tem muito dinheiro norte-americano para gastar. Assim, a inflação e o custo de vida tem aumentado nos últimos anos e explodiu logo após a tragédia, tendo em vista que grande parte da infra-estrutura do país foi diretamente afetada.

Para se ter uma noção mais aproximada dessas dificuldades, cabe mencionar que a diária de um aluguel de carro em Porto Príncipe, na época em que pretendíamos chegar, beirava os quinhentos dólares. O que tornava-se impraticável para uma equipe de documentaristas com recursos limitados, até porque pretendíamos ficar dez dias para poder registrar o máximo possível. Graças aos contatos telefônicos desde Porto Alegre e através de Steeve, conseguimos opções entre 150 e 200 dólares por uma van com motorista.

Além desse trabalho de logística, buscamos organizar nossa agenda, tentando marcar alguns depoimentos no Haiti com algumas personalidades da ONU e do governo. Não tínhamos necessariamente a intenção de usá-los no filme, mas entendíamos que seria uma questão de respeito entrevistá-los. Mas era muito difícil. A comunicação com setores administrativos era quase impossível e declinamos de seguir tentando já que esse não era nosso foco. Mas tentamos.

Para pensar a agenda de trabalho, reunimos a equipe algumas vezes antes da partida. Discutíamos por um lado a estética do filme, as dificuldades ou opções técnicas. Por outro lado, trocávamos opiniões sobre o roteiro e possíveis pessoas a entrevistar, locais para ir. Como diretor, era eu quem definia quais entrevistas interessavam para a obra e foi assim que elegi buscar pelo menos um jogador de futebol – pelo fato desse esporte ser muito presente no Haiti –, um professor de história – que pudesse pautar essa questão que era tão importante para mim –, e estudantes universitários. Pensando em lugares, queríamos ir para um campo de desabrigados – onde poderíamos encontrar um novo depoimento –, um ritual vodu – que já tinha registrado em 2007 mas queria uma nova captação tendo em vista a superioridade dos novos equipamentos que levávamos –, e o que chamei de “Campo

dos Mortos”, uma imensa vala comum onde foram enterrados milhares de corpos não identificados de vítimas do terremoto, que tinha visto em uma reportagem. Além disso queria ir para o Sul, pois sabia que encontraria belos lugares e a intenção era explorar um outro lado do país: o da esperança e o da beleza.

Esse longo e demorado trabalho de pré-produção ainda apresentava muitas lacunas quando se aproximava a data de partida. Haviam sido quase dois meses de trabalho, mas muitos detalhes ainda estavam indefinidos: não tínhamos certeza em relação ao carro, ao fato do hotel ter condições ou não de receber hóspedes e se tínhamos efetivamente uma reserva. Foi por isso que planejamos a ida de Steve e Sheila quatro dias antes do resto da equipe. Eles, em solo haitiano, poderiam ver com os próprios olhos os problemas e as possibilidades de solução para nosso trabalho. Foi assim que eles chegaram no dia 4 de maio à capital Porto Príncipe. No dia 9 desembarcariam os demais.

### *1.2.3 – A produção*

A chegada de Steve e Sheila foi importantíssima e revelou muitos dos problemas que teríamos pela frente e ao mesmo tempo nos permitiu abrir portas importantes. Boa parte do tempo deles foi usado para resolver o problema do carro. Quase no dia da chegada da equipe, eles encontraram Anderson, nosso motorista salvador que nos oportunizou uma van precária mas um pouco mais barata que as outras opções. É importante registrar que no Haiti, ou se tem carros luxuosos, com ar condicionado – que em geral são exclusivos para os funcionários da ONU, das ONGs ou da elite econômica nacional – ou carros bastante velhos e mal cuidados. Evidentemente, nosso caso era o último.

Foi o trabalho dos dois precursores que oportunizou encontrar duas personagens marcantes para o filme: Adje e Normélia. Adje, um jovem desabrigado que tinha como sonho realizar um filme e

Normélia, professora brasileira da Fundação Universitária de Rio Grande (FURG) que se dedica ao Centro Cultural Brasil-Haiti, ligado ao Ministério da Educação e ao da Cultura, entre outras coisas, ensinando português para os haitianos. É dela que consegui uma leitura muito próxima da tese que construo em relação ao Haiti, que é o do abandono e punição histórica por ser um país que ousou consolidar uma república negra em pleno início do século XIX em terras americanas.

O trabalho dos produtores permitiu também contatos com outros depoentes. Um deles foi com os estudantes da Universidade Nacional do Haiti, pública, e de um professor de história – chefe do Departamento de Humanidades. Da mesma forma que procedemos com todos os outros personagens da capital que estão no filme, houve uma primeira aproximação para que pudéssemos chegar com a equipe e gravar. Na data programada, fomos para a Universidade e qual não foi nosso impacto ao saber que todos se recusaram a gravar.

Como se sabe, a Universidade do Haiti foi muito afetada pelo terremoto, tendo quase todos seus prédios afetados diretamente. O campus central, da área de Humanas, teve as aulas suspensas e servia, em maio, como abrigo de alguns estudantes. Estes eram os que haviam sido contactados pelos produtores. Tais estudantes haviam participado da luta contra Aristide – que terminou com a ocupação estadunidense e a queda do presidente.

Ao chegarmos ao local, os universitários foram extremamente hostis, mal nos cumprimentando e fazendo comentários contrários aos brancos. Steve tinha sido colega de algum deles, e compreendia os comentários do tipo “os brancos sempre vem fazer documentários sobre o Haiti para ganhar dinheiro depois”. Em nenhum momento sinalizaram com alguma forma de contribuição, e nosso intérprete ficou bastante abalado com a recepção, principalmente por que havia intermediado a entrevista e alguns eram de seu antigo círculo de amizades. A situação era bastante incômoda, já que os universitários não se negaram a gravar entrevista, mas estava claro que eles não gravariam, apesar de não apontarem nenhuma razão. Percebemos que não éramos bem vindos no meio deles.

Fomos, então, atrás do professor de história, chefe do Instituto de Humanidades. Novamente, ao contrário do dito anteriormente aos produtores, ele se negou a falar, e nos chamou para conversar. Nessa conversa informal, ouvi que ele não seria capaz de falar sobre a história do Haiti e que, provavelmente, eu soubesse mais do tema do que ele. A conclusão evidente – que o professor demonstrou nas entrelinhas – era de que tinha sido intimidado pelos alunos a não gravar nada. Abandonamos a Universidade um pouco abalados.

Em contraste, os outros entrevistados foram muito gentis e receptivos. Buscamos gravar os depoimentos em seus locais de trabalho, estudo ou moradia, identificando-os com as particularidades que nos levou a buscá-los. Em geral, as gravações duravam uma hora e eram feitas em creole, com pausas em que Steeve me traduzia em linhas gerais o dito e eu fazia uma nova pergunta.

O choque com a situação precária, o convívio com o Exército em poucos mas marcantes episódios pesavam sobre a equipe. Eu e Steeve já conhecíamos o Haiti e já tínhamos uma ideia do que encontraríamos, o resto da equipe não. Porém, somado à miséria, encontramos uma quantidade de desabrigados em todos os pontos que olhávamos. A instabilidade emocional começava a provocar tensões desnecessárias entre os membros da equipe. Por outro lado, não conseguíamos agendar algumas entrevistas que pretendíamos. Por esse motivo, decidi junto com a produtora antecipar nossa ida para o sul, região de praias onde poderíamos seguir o trabalho e melhorar o astral da equipe.

Chegando em Jacmel tivemos um grande problema: não encontrávamos hotel onde ficar. A maioria ou estava lotado ou avariado pelo terremoto. Tivemos que nos dirigir a Port Salut, uma cidade mais a sudoeste, na ponta da ilha. Como era tarde, percorremos a estrada à noite, numa viagem bastante estressante, já que o caminho era repleto de buracos e obstáculos, e com pouca sinalização. Só na volta, que fizemos durante o dia, percebemos que passamos por uma ponte interditada por risco de queda. Porém a praia nos rendeu as imagens mais bonitas do filme e o depoimento de um pescador – um dos mais marcantes do filme.

Por fim, outra dificuldade que tivemos foi o de gravar o ritual vodu. Todos que procuramos

queriam cobrar para que gravássemos. Chegaram a nos pedir três mil dólares para custear a cerimônia. Escolhi ficar com as imagens de 2007.

No fim, foram gravados os seguintes depoimentos: Kerna, cozinheira; Ebby, estudante de cinema; Max Beauvoir, chefe supremo do vodu<sup>5</sup>; Adje, jovem desabrigado; Normélia, professora brasileira; Fabio, jogador profissional de futebol; Steeve, estudante haitiano no Brasil; Magda, dançarina; Anderson, nosso motorista; Ti Fre're, pescador; André Etienne, carvoeiro; Marco, pintor; Robert, padre e Montinor, costureiro.

#### *1.2.4 – A pós-produção*

Terminado o trabalho de gravação voltamos ao Brasil. Era necessário organizar o material e sincronizar o som com a imagem – que foram captados separadamente – para preparar um roteiro que tornasse possível a construção de um discurso filmico capaz de contar uma história e atrair o público em geral para a obra e sua história. Mas antes de escrever o roteiro seria necessário transcrever todas as falas. Afinal, a tradução durante o trabalho foi breve e genérica, o suficiente para se ter uma ideia do que se falava e não tomar um tempo muito grande nem interromper a fala dos entrevistados. Agora, precisávamos traduzir palavra por palavra, anotando em que parte do material estava localizada cada frase. Num material de mais de 16 horas de captação, pode-se imaginar que foi um trabalho demorado.

Nos dedicamos a essa tarefa eu e Steeve, sentados em frente ao computador, vendo e revendo cada uma das entrevistas. Foi a partir desta transcrição que anotei mais de 120 páginas de falas, já fazendo uma seleção das partes que me chamavam mais atenção, buscando ao mesmo tempo relações

---

5 Esse título foi apresentado pelo próprio depoente. Sei que ele é um Ogan, chefe de cerimônia de rituais e que seu perestil é o mais conhecido e famoso no Haiti. Como ele, existem outros Ogan, mas não sei afirmar qual o grau de hierarquia que existe entre ele e os outros. Aparentemente, ele ocuparia um posto equivalente ao de Papa, mas a religião vodu é muito menos hierarquizada que a católica, desta forma não sei dizer ao certo qual a relação hierárquica entre os vários Ogan ou perestil vodu.

entre os personagens. Feito esse trabalho que durou uns 45 dias, coloquei as partes selecionadas no computador e a partir delas construí o roteiro que se apresenta como anexo deste trabalho. (Anexo II)

A partir dele fiz um primeiro corte, montando as várias partes e legendando para o português, para que pudesse compreender o filme e a história. É este primeiro corte que está sendo apresentado na segunda parte deste trabalho, ou seja, a parte audiovisual. Porém, o filme enquanto obra, e não enquanto Trabalho de Conclusão de Curso, ainda terá que passar por outros processos para poder ser veiculado: ajuste de som – melhorando e corrigindo o áudio e adaptando para stereo e 5.1<sup>6</sup> –, finalização de imagem – corrigindo cores para que se tornem mais harmônicas, formatando legendas e letreiros e adaptando o formato para projeção digital ou blueray disc –; e talvez, ainda, cortes para adaptá-lo à duração utilizada em canais de televisão ou festivais de cinema, sem prejuízo do conteúdo e da história que apresento agora.

É importante destacar que para se chegar a esse primeiro corte há um trabalho de montagem, seleção, remontagem, nova seleção, num constante processo de construção e desconstrução. Pode-se afirmar que o “primeiro corte” não é exatamente o primeiro: ele é consequência da montagem a partir do roteiro – que já é uma primeira seleção – e a desconstrução deste. É um processo demorado e intenso, onde são ouvidas as opiniões de distintas pessoas parceiras do projeto que ajudam o diretor a vislumbrar o que quer dizer com a obra e o que consegue dizer, na percepção destas pessoas. Isto é importante de se levar em conta ao se comparar o roteiro anexo com o filme depois do “primeiro corte”: ambos sofreram processos de seleção na busca da construção de um discurso.

---

6 Sistema de som com dois pares de auto-falantes stereo, um na frente e outro atrás do espectador, e um outro auto-falante usado exclusivamente para os sons graves, na parte inferior da tela. Este sistema cria uma realidade sonora que envolve o espectador. É usado nas salas de cinema modernas, nas transmissões de televisão digital, e nos sistemas caseiros de reprodução de filmes conhecidos como *home theater*. Nos cinemas, a utilização do sistema é patenteado pela empresa Dolby, o que representa necessidade de licenciamento da sala de exibição e do filme. Por essa razão, a marca Dolby está impressa nos equipamentos e produtos que usam esta tecnologia.

## 2. Cinema, História e Tempo Presente: um diálogo necessário

### 2.1. O Estudo do Tempo Presente

*“O que é, com efeito, o presente? No infinito da duração, um ponto minúsculo e que foge incessantemente; um instante que mal nasce morre. Mal falei, mal agi e minhas palavras e meus atos naufragam no reino da Memória.”*<sup>7</sup> A definição que Marc Bloch nos trás em sua obra fundadora da *Eccole des Annales* é bastante perturbadora: como percebemos o presente, como podemos nos colocar a ideia de investigar o presente se ele é fugidio? Se nos referimos ao presente como um tempo presente mais próximo ao nosso, como definir em que momento o presente é presente e em que momento ele deixa de ser? Quantos anos, dias, minutos? Como podem os historiadores estabelecer o estudo sobre esse período efêmero e ao mesmo tempo sem a possibilidade de poder contar com o conforto do afastamento temporal?

Ocorre que no mundo atual, somos todos os dias informados sobre maneira de toda história que acontece em nosso tempo, o fugidio presente. Na televisão, na internet, nos periódicos impressos ou virtuais, somos noticiados de uma leitura de tudo o que acontece agora. Certamente são informações que não são construídas com acuração historiográfica. Mas, ao mesmo tempo, também não são divulgadas despretensiosamente ou sem interesses implícitos. O jornalismo moderno, com o advento da revolução tecnológica do século XX, é capaz de comunicar em poucos segundos para bilhões de pessoas o que acontece em qualquer parte do mundo.

Se isso é verdade, não o é a argumentação de que compete aos historiadores apenas avaliar estas informações sobre eventos recentes, produzidas desmesuradamente, apenas com a distância do

---

7 BLOCH, Marc. Apologia da História ou o Ofício do Historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p.60.

tempo, quando os acontecimentos terão se resolvido e suas resoluções sejam passíveis de debates. Por que não podemos questionar esses fatos e informações sobre os mesmos no momento em que ocorram e são descritos como notícias? É certo que não compete à história substituir o jornalismo de massas, mas porque deixar para ele a exclusividade do questionamento sobre os eventos atuais? Mais: porque não podem os historiadores realizar suas próprias análises? Cabe sim, ao historiador, questionar, problematizar a história do seu tempo.

Quando falamos de História do Tempo presente, muitas vezes estamos falando da construção de novas fontes, de o historiador estar em contato direto com os protagonistas dos acontecimentos. Para isso, o recurso empregado, em geral, é o da história oral. Isso significa que, assim como no jornalismo, há uma seleção de pessoas de quem procurar resgatar depoimentos e, a partir destes, selecionar elementos que se quer utilizar para formar um discurso historiográfico. Mas, diferentemente do jornalismo, o historiador se depara com o problema de não ter o evento resolvido. Para o periodismo, basta dar uma informação, sem ter maior preocupação com sua fragmentação, inteligibilidade ou contextualização. Ao contrário, para o historiador, seu trabalho minucioso, obriga-o a olhar e procurar compreender o que está além da superfície, da instantaneidade, do efeito “bombástico”. Ele precisa procurar tendências plausíveis para potenciais desdobramentos de um processo sobre o qual desconhece seu desfecho. Como afirma Soto Gamboa:

*“El estudio de la Historia del Presente comporta situarse en un trayecto cuyo destino final no se conoce. Esto la distingue de otros periodos, y la diferencia de los demás compartimentos estancos, cuya tradicional división no parece fácil transcender. Por supuesto que hemos de resignarnos a aceptar que nuestro conocimiento resultará imperfecto.”<sup>8</sup>*

Desta forma, o historiador do tempo presente, além de estar sujeito às críticas e

---

8 SOTO GAMBOA, Ángel. Historia del Presente: estado de la cuestión y conceptualización. Revista Historia actual online. Espanha. N.º 3, 2004.  
<http://www.historia-actual.org/Publicaciones/index.php/haol/article/viewFile/34/352005> Acessado em setembro de 2010.

questionamentos sobre suas posições e a construção de novas fontes, também está sujeito a um destino final incerto, e que pode acabar por contradizer seu trabalho ou comprová-lo. Mas o risco de imperfeição é muito maior do que em se tratando de “compartimentos estanques”. Porém, o estudo do tempo presente, ainda mais num mundo de giga-informação, ajuda a pautar os temas atuais, refletindo historiograficamente sobre seus eventos e certamente contribuindo para os historiadores do futuro que poderão enxergar numa visão contemporânea a base para seus estudos, já com a certeza do desfecho dos acontecimentos.

## 2.2. A História no Cinema

Existem duas formas de avaliar o cinema como fonte de objeto de estudo, conhecimento e informação. A história no cinema e o cinema na história<sup>9</sup>. A primeira refere-se ao filme enquanto fonte de documentação histórica e a segunda discute a repercussão que o filme alcança na sociedade ou o discurso presente nele. Ainda que em alguns casos as duas formas de avaliação se mesclêm, pode-se, para efeitos de estudo, separar as duas em processos distintos. Um dos exemplos mais marcantes desta mesclagem é o filme *Triunfo da Vontade* (1934), de Leni Riefenstahl. Uma produção feita como forma de propagar as ideias do nazismo e mostrar a força deste, ao mesmo tempo é um documento histórico, por se tratar de um registro do congresso do partido nazista. Por outro lado, a película serve como elemento para se discutir sua repercussão, se cumpriu ou não com seu objetivo e em que medida contribuiu ou não para a conquista da consciência do povo alemão. Mas outras produções menos marcantes também podem cumprir os dois papéis.

Todo filme é um documento que representa um vestígio da sociedade em que é produzido.<sup>10</sup>

---

9 PINTO, Luciana. O historiador e sua relação com o cinema. In: *Olho da História*. N.º 5. Salvador, 2004.

10 NOVA, Cristiane. O cinema e o conhecimento da História. In: *Olho da História*. N.º 3. Salvador, 1996.

Por mais que para fazê-lo envolvam-se dezenas, as vezes centenas de pessoas, uma produção cinematográfica reflete o senso de sua época, dialoga com ele e traz uma visão do diretor, do produtor executivo (ou da empresa que o financia) ou de ambos. Por isso a análise do tempo-espaço em que foi feita a película deve ser o ponto de partida para a utilização de tal fonte. A partir dessa investigação é que podemos passar a analisar o discurso presente no roteiro final e, principalmente, no não dito, que é a alma do cinema: a imagem. O que essa reflete, nos mostra muitas vezes, traz indícios do que a produção quer passar para sua sociedade, seja direta e claramente ou subliminar e indiretamente.

Para se tomar um exemplo, *300* (2006), de Zach Snyder, produção estadunidense mostra a luta dos espartanos contra os persas. Os espartanos são poucos, 300, mas são todos fortes, belos e abnegados guerreiros e mesmo em inferioridade numérica estão dispostos a defender sua terra dos persas, milhares, mas todos deformados, não humanos. A única figura humana, do lado persa, é o personagem retratado pelo ator brasileiro Rodrigo Santoro, mas para fugir de sua bela figura, é representado todo com adereços agressivos e mostrado como um rei fascínora e covarde. A película poderia ser vista apenas como mais uma dentre tantas outras hollywoodianas que tem a finalidade de entreter o público. Mas podemos ler um claro discurso subliminar da luta do bem contra o mal, do humano contra os monstros, no caso da sociedade de 2006, dos estadunidenses contra o Irã, os muçulmanos, afegãos ou qualquer povo do Oriente Médio disposto a enfrentar o modelo de vida “ideal”.

Todo filme traz os indícios de como reflete a sociedade contemporânea, mas nem todos servem como fonte de documentação histórica. Este segundo elemento torna-se mais claro nos filmes que retratam seu tempo. Isso vale para os documentários mas não só. Muitos filmes de ficção também retratam temas do tempo presente e nos permitem analisar elementos da história real. Como exemplo podemos citar *Pão e Rosas* (2000), de Ken Loach que conta a história dos imigrantes ilegais nos Estados Unidos. Trata-se de uma ficção, mas que nos mostra um tema muito presente no interior das sociedades de capitalismo avançado.

No caso dos documentários, tornar-se fonte documental é praticamente uma regra válida para

todos. Isso porque um documentário pretende ser o registro de um momento cotidiano da vida em determinada sociedade. Através do olhar do diretor documentarista podemos perceber como agem e interagem personagens – depoimentos – em determinado momento dessa sociedade. Porém, o fato de ser um registro do cotidiano não isenta o gênero de ser uma leitura desse cotidiano. Também no documentário há uma seleção do que mostrar e, principalmente, do que não mostrar. Assim, todo documentário por mais ou menos claro que seja apresenta um discurso particular, reflexo de sua contemporaneidade, de seus financiadores, de seus interesses.

*“Todo documentário, para além dos fatos históricos narrados, cuja veracidade deve ser avaliada, revela uma visão da História e possui uma interpretação para o objeto histórico sobre o qual se debruça. E estes pontos devem ser detectados e analisados pelo historiador. Muitas vezes, um documentário contém um texto extremamente verdadeiro no que consiste à narração dos fatos, mas a interpretação geral que este dá ao fenômeno se encontra comprometida .”<sup>11</sup>*

### **2.3. O caso de *Ninguém sabe onde fica o Haiti***

*Ninguém sabe onde fica o Haiti* é um documentário que apresenta um discurso sobre o Haiti contemporâneo em sua história de independência radical, ocupação e submissão internacional, que sofreu um corte: o terremoto de 12 de janeiro de 2010. No capítulo 3, discutirei minha opinião sobre o país caribenho na atualidade, mas em linhas gerais pode-se dizer que a história do país se apresenta numa ordem que foi bruscamente rompida por uma tragédia natural que significou a morte de mais de 300 mil pessoas.<sup>12</sup> É por esse motivo que o filme mostra essa ruptura com o “nada”, o silêncio e a tela

11 NOVA, op. cit.

12 Não há censo no país nos últimos anos que permitam afirmar a população exata do Haiti. A ONU trabalha com números estimados em 8 milhões para o Haiti, sendo que a capital, Porto Príncipe, a cidade mais afetada pelo sismo, possui estimados 1,5 milhões de habitantes. O World Factbook da CIA trabalha com a estimativa de 9,6 milhões de habitantes no país.

<http://www.unhabitat.org/categories.asp?catid=153> Acessado em novembro de 2010.

<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ha.html> Acessado em novembro de 2010.

preta. É a melhor forma de mostrar esse corte da história, que é o não-mostrar. Evidentemente, trata-se de uma eleição do diretor, mas também está relacionado com o fato de perceber que nenhuma imagem seria forte o suficiente para mostrar o que essa tragédia representou para a história do Haiti.

O documentário pretende ser uma pequena contribuição para os futuros historiadores que se interessem por essa temática. Através do uso do documentário como fonte poderão pesquisar nos registros de personagens contemporâneos que discutem os temas de relevância no país no momento: a presença das forças da MINUSTAH, das ONGs, da história, do vodu, do futebol e do terremoto, entre outros. Efetivamente o filme faz uma seleção do que mostrar, elegendo elementos que, na opinião do diretor, mereciam ser exibidos.

Já discutimos a importância do cinema e dos documentários em particular como fonte de documentação histórica. Mas o que faz *Ninguém sabe onde fica o Haiti* se tornar parte de um trabalho de conclusão do curso de história? O fato de o diretor ter uma formação em história e ela estar implícita na seleção do material e no estabelecimento de um discurso que dá inteligibilidade a esse material coletado e organizado. Esse filme não se propõe a ser um vídeo-aula sobre o Haiti, com uma explicação sobre a independência do país, nem uma demonstração de como age a MINUSTAH. Trata-se de um registro de haitianos que falam sobre esses temas e que formam – num complicado e demorado processo de seleção, corte e edição – um discurso pensado pelo diretor – que também é o financiador da produção.

Mas o que distingue esse filme de outros que poderiam ser feitos sobre o tema? O que faz com que este seja um produto específico para ser apresentado como um trabalho de conclusão de um curso de História? É justamente a seleção do material com o qual o diretor se dispõe a discutir a temática da ocupação que confere um olhar historiográfico, ao mesmo tempo que busca discursos sobre a história do país que corroborem sua tese. Tudo isso, sem deixar de lado a intenção de ser uma obra para o público em geral, prendendo sua atenção para toda a duração da película. Se esses objetivos são alcançados ou não é parte do processo de debate.

Por fim, cabe registrar que essa experiência pode e deve ser usada em outros trabalhos, pensando na necessidade de o historiador se adaptar ao mundo novo de possibilidades que se abrem com o avanço e a popularização da técnica. Como aponta Jorge Nóvoa:

*“Paralelamente à exibição e discussão dos filmes, pressupondo-se a sua continuidade, poder-se-ia organizar **laboratórios de reflexão e pesquisa**, visando a formação de estudantes, do ponto de vista teórico e prático, e a constituição de núcleos interessados na problemática que envolve o cinema enquanto agente e fonte da história. A estruturação desses núcleos deveria fornecer material teórico, técnico e histórico necessário à confecção de documentários históricos ou vídeos didáticos.*

*“À primeira vista, poderia parecer muito ambicioso tal objetivo, mas basta observar os novos recursos tecnológicos no domínio das câmeras de filmar e da informática, a disseminação do uso do videocassete como instrumento de exibição de filmes, assim como também a relativa facilidade para a organização de ilhas de edição, para perceber-se que não se está tão longe do tempo em que o próprio historiador comunicará as suas idéias não apenas por escrito. O vídeo e o CD-Rom serão aliados extraordinários.*

*“(...) Ser capaz de aplicar as lentes da câmera para captar a história, como para registrar a contemporaneidade é um combate mais que necessário para o historiador.”<sup>13</sup>*

Portanto, se hoje é muito mais acessível “fazer cinema”, porque não se valer dessa forma discursiva e colocar esse desafio aos novos historiadores do século XXI? É uma reflexão a que este trabalho também se dispõe a estimular.

---

13 NÓVOA, Jorge. Apologia da relação cinema-história. Olho da história. N.º1. Salvador, 1995. Grifos originais.

### 3. O Haiti sob tutela<sup>14</sup>

Desde 2004, o Haiti encontra-se numa situação de tutela. No início daquele ano, eram as tropas estadunidenses, canadenses e francesas que impuseram o fim dos conflitos entre os grupos paramilitares do presidente e da direita<sup>15</sup>. A partir de junho, com a estruturação da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH), assume a chefia da tutela o Exército Brasileiro, comandando tropas de 18 países<sup>16</sup>. Com a tragédia de 12 de janeiro de 2010, a destruição do *Force Commander*<sup>17</sup> e a necessidade de resgate, as tropas dos EUA voltaram a assumir protagonismo militar no país. Ao todo, foram enviados 50 mil homens do exército estadunidense, com a intuito de auxiliar no resgate às vítimas. Hoje, esse número diminuiu drasticamente, mas ainda há uma disputa velada pelo controle do país. As questões que se colocam são: quais são os interesses em conflito no Haiti? Quais os interesses do Brasil em chefiar a missão? Será a MINUSTAH a forma apropriada de resolver os problemas haitianos e enfrentar a fundo o maior que é a miséria do povo?

14 O conceito foi feito pela entrevistada Normélia mas não utilizado no filme. Do ponto de vista historiográfico, creio que representa corretamente a situação atual.

15 A política haitiana é bastante complexa e é constante a reorganização de bases de apoio, geralmente vinculadas ao personalismo de seu chefe, e não a posições político-ideológicas claras. Sobre os grupos que se opunham a Aristide há uma organização paramilitar de direita, composta por ex-integrantes do Exército haitiano que se opunham a uma suposta simpatia do presidente com o governo venezuelano de Hugo Chávez. Porém, as fontes de pesquisa a que tive acesso não me permitem definir, conclusivamente, nem o presidente como ideologicamente de esquerda – sequer aliado da República Bolivariana – nem seus opositores como de direita. Diante da impossibilidade de afirmar um referencial ideológico de ambos, no momento do enfrentamento, por razões de fácil entendimento, optei por utilizar a nomenclatura frequentemente utilizada.

16 Antes do terremoto, a resolução 1892 do Conselho de Segurança da ONU (13 de outubro de 2009) estabelecia que a MINUSTAH seria composta por 7.803 militares de 18 nacionalidades, 2.136 policiais da Polícia das Nações Unidas (UNIPOL) de 41 nacionalidades e 464 civis de 115 nacionalidades. Após o sismo, a resolução 1908 de 19 de janeiro de 2010, autorizou o aumento da composição de tropas para 8.940 e de policiais para 3.711. Não há dados atualizados para o número de militares de cada país após essa nova resolução, mas no caso do Brasil, houve um incremento de 600 homens. Compunham a missão, até 12 de janeiro, os efetivos dos seguintes países: Argentina (557), Bolívia (208), Brasil (1.280), Canadá (5), Chile (509), Equador (67), EUA (6), França (2), Guatemala (116), Índia (1), Jordânia (634), Coreia (1), Nepal (1.078), Paraguai (31), Peru (209), Filipinas (157), Sri Lanka (959) e Uruguai (1.136). Há ainda a presença de tropas venezuelanas e equipes médicas cubanas que não estão no quadro da MINUSTAH. Em ambos os casos há um acordo entre o governo do Haiti e tais países. As tropas venezuelanas trabalham, entre outras coisas, no fornecimento de energia elétrica para o porto da capital e na reconstrução do aeroporto de Jacmel.

17 O prédio que abrigava o comando da MINUSTAH funcionava no Hotel Christophe que ruiu completamente com o tremor de terra. Foi nele que trabalhava o diplomata brasileiro Luiz Carlos da Costa que morreu no sismo. Atualmente, a ONU já construiu uma nova base em containers que abrigam todo o comando da Missão.

Na obra cinematográfica, não há uma opinião sobre esses questionamentos, desta forma, tratarei de expor minha opinião, com todas as limitações, para que se consiga com o conjunto das duas partes deste trabalho buscar uma visão sobre o Haiti contemporâneo.

### **3.1. A construção da nação haitiana**

O Haiti foi a primeira República negra da história. Em 1804, temendo a ocupação das tropas de Napoleão, comandadas pelo general Leclerc, que tentavam impor novamente o pacto colonial e a escravidão dos libertos, Dessalines, general que substituiu o comando de Toussaint L'Overture, decreta a independência da ilha Hispaniola. Invasão pelos franceses, o movimento contou a seu favor com um surto de febre amarela, que dizimou as tropas de Bonaparte. Foi assim que o Haiti pôde se construir enquanto nação soberana, não sem enfrentar graves disputas internas e externas. Uma das mais brutais, foi a das tropas estadunidenses em 1912.<sup>18</sup>

A revolução haitiana é filha da revolução francesa. Quando da decretação do código negro e a abolição da escravatura, o Haiti libertou seus escravos, quase 95% da população. Era o momento em que a metrópole vivia o auge revolucionário. Com a morte de Robespierre e a posterior ascensão de Bonaparte, as conquistas sociais se tornaram mais moderadas e os haitianos tiveram que pressionar para que sua maior conquista, a libertação da população negra, fosse mantida. Ocorre que o Haiti era parte de um sistema colonial, produtor de cana-de-açúcar através da grande plantação e de mão-de-obra escrava. Romper com essa dinâmica virou um grande dilema, gerando disputas políticas internas que se perpetuaram na história da nova nação. Mais: estamos falando de um período em que o iluminismo era uma referência político-ideológica que avançava, mas com dificuldades e recuos, e o

---

18 PONS, Frank Moya. *La independencia de Haití y Santo Domingo*. IN: BETHEL, Leslie (Org.). *Historia del Caribe*. Barcelona: Cambridge University Press. Editorial Crítica, 2001.

socialismo recém dava seus primeiros passos. Como dotar um país territorialmente muito limitado das condições de se desenvolver? Nesse sentido a revolução haitiana foi muito vanguardista e ao mesmo tempo muito anacrônica de seu tempo.

Enquanto que o liberalismo se afirmava nos Estados Unidos – mas não sem conviver com a escravidão no Sul por mais 60 anos – e a França passava por todas as disputas políticas e ideológicas da construção de sua nova nação, o Haiti precisava se afirmar num mundo em que não cabia um Estado negro, soberano, independente, numa América escravista e colonizada. A única coisa que unificava os haitianos era a certeza de não querer sofrer de novo a escravidão. Mas como produzir riqueza se havia uma recusa ao trabalho em grande escala? Como produzir cana-de-açúcar sem escravos? E, principalmente, para quem vender? Foi assim que, diante de tais fatores limitadores, foram se consolidando mecanismos políticos autoritários. O próprio libertador inaugurou o trabalho forçado como tentativa de organizar as forças produtivas. Depois dele, outros se seguiram, tendo que enfrentar, entretanto, novas revoltas e novos golpes.<sup>19</sup>

Foi através de um caminho tortuoso de enfrentamentos e dificuldades que se continuou a construção do Estado até que a intervenção estadunidense, no início do século XX selou o destino de dependência e miséria. Em 1933, os EUA se retiraram do país, mas em breve, a ditadura Duvalierista, vinculada aos seus interesses, deu continuidade à trajetória de subserviência, com o adicional da construção de um Estado familiar, autoritário e profundamente violento. Será só no final da década de 1980 que o país tentará afirmar uma democracia, mas esta será colocada em xeque com nova intervenção dos EUA em 1994.

---

19 *Ibid.*

### 3.2. A MINUSTAH

O governo de Aristide é muito controverso. Deposto por militares, em 31 de setembro de 1991, volta ao poder com o apoio dos EUA em outubro de 1994. Dez anos depois, em seu segundo mandato, novamente é retirado por pressão das tropas estadunidenses; seja através de renúncia ou golpe, dependendo da fonte, o presidente cedeu o poder por pressão direta das tropas de Washington, que ocupavam o Palácio Nacional em Porto Príncipe.

Quando surge politicamente, Jean-Bertrand Aristide, é identificado com a esquerda. Militante da Teologia da Libertação, o padre destacou-se por sermões duros contra o Duvalierismo em sua paróquia em Cité Soleil, uma das regiões mais pobres da capital. Suas pregações populistas e seu clamor por justiça social canalizaram uma grande vitória eleitoral com 67,48% dos votos. Ele assume a presidência em 7 de fevereiro de 1991 e cria a palavra de ordem *lavalas* (“torrente” em creole)<sup>20</sup> conclamando o povo a se juntar numa grande corrente. Esta bandeira trouxe medo à elite haitiana, que temia perder seu prestígio econômico e inquietava os militares, já que a mobilização dos setores mais pobres representava uma ameaça às forças neodualistas.<sup>21</sup>

Na área econômica, Aristide pretendia empreender uma reforma social, que aumentasse impostos das classes abastadas e investisse em infra-estrutura, agricultura e saúde, sempre privilegiando os menos favorecidos. Na área da segurança, instituiu uma força policial de defesa pessoal, fato que também provocou a ira dos militares, que temiam a neutralização das Forças Armadas. Defendia internacionalmente um duro combate ao tráfico de drogas que, com a conivência da alta cúpula dos militares, utilizava o Haiti como passagem para os EUA, num mercado estimado em

---

20 O presidente sempre repetia a mensagem em suas aparições públicas:

*Sozinhos, somos fracos.*

*Juntos, somos fortes.*

*Todos juntos, somos o lavalas.*

Ele também foi utilizado no discurso que promoveu na 46ª Assembléia Geral da ONU, cinco dias antes de ser derrubado (CÂMARA, 1998).

21 CÂMARA, Irene Pessôa de Lima. Em nome da Democracia. A OEA e a crise haitiana. 1991-1994. Brasília: Instituto Rio Branco, 1998.

US\$ 500 milhões.<sup>22</sup>

Mobilização popular, combate à desigualdade social, enfrentamento com os militares: apesar de todos esses elementos identificados politicamente com a esquerda, contraditoriamente, Aristide tinha um apoio dos Estados Unidos, já que contava com empréstimos diretos e indiretos através do FMI ou de órgãos do governo de Washington, como o USAID. Some-se a isso, o discurso do combate ao tráfico de drogas defendido na 46ª Assembléia Geral da ONU. Porém, seu governo não resistiu ao golpe militar, que o tirou do poder, sete meses depois de assumi-lo.

Depois de uma escalada de violência, esforços diplomáticos da ONU e da OEA, em setembro de 1994, três anos depois da derrubada de Aristide, os Estados Unidos e o Haiti celebram um acordo que permite a ocupação militar sem que haja derramamento de sangue. O “presidente provisório” renuncia e os chefes militares abandonam o país, abrindo a possibilidade para que Jean-Bertrand Aristide retorne ao país em 15 de outubro de 1994.

Nesta nova fase, Aristide empreende melhorias na capital, principalmente nas favelas. São feitos mercado populares, pavimentação de ruas, pontos de distribuição de água entre outras obras. Em 1995 dissolve o exército, no intuito de acabar com a trajetória golpista do Haiti. Por outro lado, arma seus correligionários nos bairros de maior concentração popular. Os homens armados pró-Aristide, os *chimera*, se utilizam de sua relação com o presidente para aparelhar o Estado e controlar situações cotidianas delicadas como o fornecimento de documentos ou a distribuição de água e comida. Ele consegue eleger seu sucessor, René Preval, e prepara seu retorno ao poder em 2000.

Neste lapso temporal, os ex-militares continuam se organizando contra os apoiadores de Aristide. A persistência da radicalização intensifica o conflito entre a oposição armada e os simpatizantes do presidente. Em 2004, o embate armado se espalha pelo país, e os opositoristas cercam a capital. Intensas mobilizações acontecem em Porto Príncipe pedindo a saída do chefe de Estado. Há enfrentamentos e choques armados nas ruas e nas manifestações. EUA, França e Canadá

---

<sup>22</sup> *Ibid.*

colocam tropas no país e acabam por retirar de helicóptero o presidente do palácio. Instaura-se o caos nos bairros populares: as milícias pró-Aristide com o poder das armas se transfiguram de milícias de apoio político a grupos de interesses diversos, muito deles com facetas vinculadas ao tráfico de drogas ou armas.

É esse o quadro que o Conselho de Segurança da ONU discute quando cria a MINUSTAH. O mandato da missão se dispõe aos seguintes objetivos: I – Apoiar um processo político eleitoral; II – estender a autoridade do Estado e fortalecer suas capacidades de atuação; III – manter a segurança pública; IV – apoiar a reforma do Estado de Direito; V – garantir os Direitos do Homem <sup>23</sup>.

A duração da Missão seria inicialmente de seis meses, porém sua presença tem sido prolongada sistematicamente desde junho de 2004. Atualmente, já completa seis anos e meio de existência. Durante esse período, buscou-se em primeiro lugar garantir a segurança pública, desmobilizando todos os grupos em conflito, tomando posições, sobretudo nas regiões populares da capital, uma delas, a mais conhecida, chamada Cité Soleil. Em Porto Príncipe, o esforço do Exército Brasileiro foi fundamental para alcançar uma situação de relativa paz social. Embora a apreensão de armas tenha sido ínfima. <sup>24</sup> Conseguiu-se, apesar disso, tomar várias posições de fogo inimigo. Pode-se citar, como exemplo, o antigo Mercado de Cité Soleil – construído por Aristide - e a base Jamaica entre outros. Todos esses pontos, chamados de “Ponto Forte” pelo jargão militar, eram bases de operações de grupos paramilitares armados e foram ocupados, por sua vez, pela ação militar brasileira. Um desses Pontos Forte, a chamada “Escola Azul”, foi destruída pelo terremoto e resultou na morte de dez militares brasileiros.

Apesar de conseguir “impor a paz”, conforme o jargão militar, os avanços sociais que a

---

<sup>23</sup> Fonte: [minustah.org](http://minustah.org) Acessado em outubro de 2010.

<sup>24</sup> O dado é apresentado por dois relatos orais que, embora representem pontos-de-vista distintos, acabam confirmando a cifra: um do ex-soldado Tailon Ruppenthal – que registrou a apreensão de 200 armas na entrevista publicada na Revista da América (2007) – e outro do depoimento gravado em 2007 na primeira ida do diretor ao Haiti com o *Force Commander*, o General brasileiro Santos Cruz. No depoimento, que não foi utilizado no filme, o militar afirma que não se tem registro das armas de grande porte que os “bandidos” usavam, e que se apreenderam não mais que 200 armas de baixo calibre no processo de conquista de espaços na capital. Apesar disso, o comandante afirmou que a situação estava totalmente sob controle e que nenhuma mobilização militar poderia ocorrer sem que a MINUSTAH tivesse conhecimento anterior.

MINUSTAH trouxe foram muito limitados. Dados da própria missão apontam um custo operacional de em torno de 600 milhões de dólares a cada seis meses.<sup>25</sup> Essa verba é gasta na manutenção do efetivo militar e civil, sendo que o segundo é minoria. Evidentemente que o controle social, a “imposição da paz”, possibilitou certo investimento privado no país e a segurança pública – garantida através dos armamentos pesados e militares de alta capacidade –, permitindo que a vida se reorganizasse.

Porém, ao mesmo tempo, a MINUSTAH representa uma limitação da soberania e políticas do governo haitiano, pois medidas que não estejam de acordo com os interesses dos países que tem suas tropas no país podem ser desautorizadas pela presença militar estrangeira. Segundo seus objetivos, a MINUSTAH atua no fortalecimento do Estado haitiano e apóia seu funcionamento democrático. Nesse sentido, foi através de sua garantia militar que realizaram-se eleições em 2006, e outras estavam previstas para fevereiro de 2010.<sup>26</sup> Assim, há um presidente eleito, René Preval, que governa junto com o Primeiro-ministro de sua indicação e referendado pela Assembleia Nacional.<sup>27</sup> Mas esse governo está, pela força das armas e da administração da ONU, obrigado a sempre atuar, seja de direito ou seja de fato, em conjunto com as determinações da Missão.

O problema que se apresenta a partir desse quadro é que as grandes mazelas sociais não têm sido resolvidas: o desmatamento do país; a miséria econômica; a poluição dos rios; a falta de água e de energia elétrica. A questão que se coloca é se os militares estão capacitados para enfrentar essas mazelas. Creio que o grande problema que se apresentava para a Missão é que ela devia paulatinamente deixar de ser militar e passar a ser técnica e civil, sempre atendendo aos interesses do povo haitiano e não os interesses externos e, dessa forma, permitir a retirada das forças da ONU do

---

25 Fonte: [minustah.org](http://minustah.org). Acessado em novembro de 2010.

26 Com o terremoto de janeiro, as eleições foram suspensas sem que houvesse qualquer decisão do governo ou da Assembleia, já que toda a estrutura de poder ruíu: o parlamento, o conselho eleitoral, o Ministério da Justiça e o comando da MINUSTAH. Após intensos embates políticos, o presidente Preval conseguiu aprovar no parlamento a extensão de seu mandato por mais seis meses e foram marcadas novas eleições presidenciais e de deputados para 28 de novembro de 2010.

27 O terremoto destruiu os principais prédios da administração do Estado, entre eles a Assembleia Nacional, a Justiça e muitos ministérios. Muitos deputados foram vitimados pela tragédia. Atualmente, os deputados sobreviventes atuam em locais provisórios.

país, reestruturando a infra-estrutura social e administrativa do Haiti.

### **3.3. O terremoto: ruptura da história**

Se é bem verdade que se alcançava uma segurança para investimentos e reorganização da economia com a presença da MINUSTAH, o terremoto impôs um corte brutal na história. Não só representou a morte de mais de 300 mil haitianos, como também o desabrigo de mais de 1 milhão e meio de pessoas.<sup>28</sup> Toda a infra-estrutura do país foi diretamente afetada. Ruíram hospitais, Universidades, indústrias e muitos prédios da administração estatal. O símbolo maior da soberania do país foi brutalmente afetado: o Palácio Nacional, simbolicamente, parece expressar que o próprio Estado veio literalmente a baixo.

A MINUSTAH também foi bastante atingida e seu trabalho de resgate e reconstrução até o momento esteve voltado prioritariamente para suas próprias forças. Ao mesmo tempo, os EUA aproveitaram a necessidade de apoio às vítimas para reorganizar a sua presença militar no país. Assim, foram enviados, inicialmente, 50 mil homens. Hoje, esse número é muito menor, mas um acordo firmado entre a MINUSTAH e a Embaixada dos EUA no dia 22 de janeiro de 2010 reconheceu, entre outras coisas: a) O governo do Haiti como ser o principal responsável pela reconstrução; b) que a ONU colaborará nessa reconstrução; c) que o governo haitiano agradece o apoio do governo e do povo dos Estados Unidos; d) que as tropas estadunidenses agirão de forma autônoma diante o mando das Nações Unidas; e) que para garantir um seguro e efetivo funcionamento da infra-estrutura de transportes, os EUA identificarão e prepararão esses espaços, e protegerão os portos marítimos e aéreos, e o acesso ao mar, ar e rodovias.

---

<sup>28</sup> Todos os números são aproximados porque não se pode registrar o número exato de afetados. Esses dados referem-se aos últimos levantados pelo governo haitiano.

Não pude verificar se tal acordo continua vigente, mas pude perceber que o aeroporto da capital ainda está sob controle dos EUA. De qualquer forma, é de se estranhar que um país assine um acordo com uma Missão das Nações Unidas – do qual é signatário – em que se postule a atuar autonomamente em relação ao mando dessa instituição.

Além desse aspecto de intervenção política e militar que se aprofunda, o terremoto significou maior dependência do Haiti à ajuda internacional. Contraditoriamente, essa ajuda serve de grande pretexto para captação de recursos em todo o planeta. Um estudo norte-americano aponta que foram arrecadados, somente nos EUA, 1,3 bilhão de dólares em forma de ajuda,<sup>29</sup> recurso destinado à infinidade de ONGs que atuam no país. Porém, em julho, seis meses depois da tragédia, as ONGs estadunidenses – que são obrigadas a prestar contas – haviam investido uma ínfima parte do dinheiro recebido no Haiti. A maior parte dos recursos havia sido gasto na própria manutenção de tais entidades ou simplesmente não havia sido gasta.<sup>30</sup> Não se têm dados de ONGs de outros países, como o Brasil, em que, por exemplo, a ONG Viva Rio atua conjuntamente com a MINUSTAH.

Esse grande afluxo de dinheiro pela causa humanitária pró-Haiti também representa um afluxo de personalidades que vão ao país mostrar apoio, preocupação e caridade. Efetivamente, ao povo haitiano isso tem significado muito pouco, já que os escombros não foram recolhidos nem em 5% da área destruída. A reconstrução do país tem avançado muito pouco e grande parte da população continua vivendo em barracas improvisadas, enquanto no mês de outubro de 2010 uma epidemia de cólera atingiu uma região ao Norte do país, ameaçando se tornar em um novo flagelo.

---

29 <http://www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=128417565>

30 <http://philanthropy.com/article/How-Charities-Are-Helping/66243/>. Chama a atenção o fundo Clinton Bush de apoio ao Haiti que dos 50 milhões de dólares arrecadados aplicou apenas 4 milhões.

### 3.4. Conclusão

É difícil apontar perspectivas para o país. Mas é possível afirmar que sem apoio internacional, o Haiti será incapaz de reconstruir-se. Mas essa ajuda não pode desconsiderar a autonomia e soberania do povo haitiano. Reduzir até a completa desapareção da presença militar estrangeira é condição *sino qua non* para que o país possa se reorganizar por conta própria. Por outro lado, essa retirada não seria possível sem a reorganização das forças militares haitianas enquanto que o apoio internacional deve ser cada vez mais crescente em técnicos que sejam capazes de qualificar e preparar o país a desenvolver sua própria força de trabalho que seja capaz de reconstruir o país.

Pode-se questionar se com a saída da força de paz do país, grupos paramilitares não poderiam novamente se reorganizar e provocar novos conflitos armados. Essa hipótese sempre estará colocada – como em efeito está colocada em todos os países – mas creio que se avança o desenvolvimento social e se reorganiza o estado com garantias democráticas, as razões para novos embates serão diminuídas. Creio que só com o empenho em transformar a missão de militar em civil será possível cumprir os objetivos a que a própria Missão se propõe a cumprir.

A grande questão é que o Haiti está geopoliticamente numa região estratégica, no “quintal dos EUA”, ao lado de Cuba, no centro do Golfo do México. Ao mesmo tempo, estão os interesses brasileiros em se afirmar como liderança militar na América Latina, utilizando, também, a intervenção no país caribenho como “tubo de ensaio” de controle social urbano das Forças Armadas – ao mesmo tempo que reaparelha o Exército com o dinheiro da ONU. Há ainda o interesse financeiro de centenas de ONGs em explorar o rico mercado em torno da pobreza alheia e da “ajuda humanitária”. Isso tudo coloca o país no centro do palco de disputas econômicas, políticas, militares e diplomáticas. Se houve uma punição histórica pelo fato de o Haiti ter se declarado uma república negra no eclodir do século XIX, ela, agora, parece atingir sua faceta mais cruel e destrutiva, ainda com a hostilidade da natureza.

## Fontes

### a) Documentos ONU

Resolução do Conselho de Segurança da ONU N.º 1529 – 29 de fevereiro de 2004.

Resolução do Conselho de Segurança da ONU N.º 1542 – 30 de abril de 2004.

Resolução do Conselho de Segurança da ONU N.º 1892 – 13 de outubro de 2009.

Carta de Princípios sobre o campo de coordenação entre as Nações Unidas no Haiti e o governo dos Estados Unidos nos esforços de resposta ao Terremoto haitiano – 22 de janeiro de 2010.

### b) Sites pesquisados

minustah.org, acessado em outubro de 2010.

www.imdb.com, acessado em outubro de 2010 – Banco de dados de filmes na Internet.

www.npr.org, acessado em julho de 2010.

www.disasteraccountability.com, acessado em julho de 2010.

philantropy.com, acessado em julho de 2010.

www.lenouvelliste.com, acessado em várias datas. Site do jornal haitiano Le Nouvelliste.

### c) Filmografia

*300*. Diretor Zach Snyder. EUA, 2006.

*Ghosts of Cité Soleil*. Diretores Asger Leth e Milos Loncarevic. Dinamarca, EUA, 2007.

*GNB kont Atila*. Diretor Arnold Antonin. Haiti, 2000.

*Pão e Rosas*. Diretor Ken Loach. Inglaterra, 2000.

*Ninguém Sabe onde fica o Haiti*. Diretor Henrique Maffei. Brasil, Haiti, 2010.

### d) Bibliografia

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

CÂMARA, Irene Pessôa de Lima. *Em nome da democracia. A OEA e a crise haitiana – 1991-1994*. Brasília: Instituto Rio Branco, 1998.

- CARDOSO, Ciro Flamarion & BRIGNOLI, Héctor Pérez. *História Econômica da América Latina*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FERRO, Marc. *História das Colonizações. Das conquistas às independências – Séculos XII a XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- FRANK, Robert. Questões para as fontes do presente. IN: CHAVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. (Orgs.). *Questões para a história do presente*. Bauru/SP: EDUSC, 1999.
- GIULIANA, Damaris. *Expedição Haiti*. São Paulo: Editora Baraúna, 2008.
- JAMES, Cyril Lionel Robert. *Os jacobinos negros. Toussaint L'Ouverture e a revolução de Santo Domingo*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.
- LUCENA, Manuel. *Breve Historia de Latinoamérica. De la independencia de Haití (1804) a los caminos de la socialdemocracia*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2007.
- NICHOLLS, David. *Haití, c. 1870-1930*. IN: BETHELL, Leslie (org.). Historia del Caribe. Cambridge University Press. Barcelona: Editorial Crítica, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Haití, c. 1930-1990*. IN: BETHELL, Leslie (org.). Historia del Caribe. Cambridge University Press. Barcelona: Editorial Crítica, 2001.
- NOVA, Cristiane. O cinema e o conhecimento da História. In: *Olho da História*. N.º 3. Salvador, 1996.
- NÓVOA, Jorge. Apologia da relação cinema-história. In: *Olho da História*. N.º 1. Salvador, 1995.
- PINTO, Luciana. O historiador e sua relação com o cinema. In: *Olho da História*. N.º 5. Salvador, 2004.
- PONS, Frank Moya. *Historia del Caribe*. Santo Domingo: Editora Búho, 2008.
- \_\_\_\_\_. *La independencia de Haití y Santo Domingo*. IN: BETHELL, Leslie (org.). Historia del Caribe. Cambridge University Press. Barcelona: Editorial Crítica, 2001.
- \_\_\_\_\_. *La República Dominicana, 1930-c. 1990*. IN: BETHELL, Leslie (org.). Historia del Caribe. Cambridge University Press. Barcelona: Editorial Crítica, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Manual de Historia Dominicana*. Santo Domingo: Caribbean Publishers, 2008.
- RIOUX, Jean-Pierre. Pode-se fazer uma história do presente? IN: CHAVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. (Orgs.). *Questões para a história do presente*. Bauru/SP: EDUSC, 1999.
- ROC, François. *Dictionnaire de la Révolution Haïtienne, 1789-1804*. Montréal: Les Editions Guildives, 2006.
- RUPPENTHAL, Tailon. *Um soldado brasileiro no Haiti. Depoimento a Ricardo Lísias*. São Paulo: Editora Globo, 2007.

SOTO GAMBOA, Angel. Historia del Presente: estado de la cuestión y conceptualización. Revista Historia actual online. Espanha. N.º 3, 2004. <http://www.historia-actual.org/Publicaciones/index.php/haol/article/viewFile/34/352005>. Acessado em setembro de 2010.

**ANEXO I**

**Seleção de Textos do Blog *Ninguém sabe onde fica o Haiti***

**[ondeficaohaiti.blogspot.com](http://ondeficaohaiti.blogspot.com)**

TERÇA-FEIRA, 18 DE MAIO DE 2010

## **Terminamos**

Hoje, 18 de maio de 2010, terminamos a produção. Agora é revisar todo o material, selecionar depoimentos, personagens e editar. A luta por financiamento continua, mas a ideia é terminar o quanto antes o filme.

Hoje a equipe embarcou de volta para o Brasil. Sheila, Steeve, Rodrigo e Marcos. Fiquei no Haiti por mais um dia. Amanhã vou à República Dominicana, país que divide a ilha Hispaniola.

Muitos sentimentos ficam. Será na volta que todos nós vamos perceber a riqueza da experiência. Aqui tivemos a oportunidade de ver a força do terremoto que devastou cidades, vidas e histórias de uma parte importante do país. Mas também pudemos ver a força e alegria do povo que luta por esquecer e reconstruir seu lar. As dificuldades são muitas e pudemos captar isso. Mas queremos mostrar que aqui tem muito de Brasil e esse, tem muito de Haiti. Alegria contra sofrimento. Fé, futebol, negritude. Miséria em contraste com riqueza. Somos mais iguais que diferentes.

Pudemos perceber isso porque tivemos contato com o povo, gente simples, gente comum. Pescadores, estudantes, pintores, cozinheiras, jogadores. Mas não nos iludimos. Sabemos que tivemos condições que a maioria do povo não sonha nem em ter. Agora, escrevo de um Hotel. É caro, é para branco. Piscina e ar condicionado num país em que água e energia elétrica são raros. Eram antes do terremoto, continuam depois dele. Aqui, a língua que mais se ouve é o inglês. Atravessando a porta de entrada nos deparamos com pessoas pedindo ajuda em creole. Do outro lado da rua, um acampamento de milhares de pessoas ocupam o que antes eram lindas praças do centro de Porto Príncipe. Gente que perdeu suas casas, seus parentes, histórias de vida, mas não a esperança.

É em homenagem a esses homens e mulheres, jovens e velhos que tentamos fazer aquilo que está ao nosso alcance: um filme. É para eles e elas que vai meu agradecimento, e deixo uma foto com o sol se escondendo atrás das montanhas. Porque é certo que amanhã ele nascerá de novo, alimentando a esperança e a luta desse povo.

SEGUNDA-FEIRA, 17 DE MAIO DE 2010

## **Steeve**

No penúltimo dia de produção gravamos o depoimento de Steeve, nosso amigo e intérprete. É a segunda vez. A primeira foi em Porto Alegre, antes da viagem começar. Agora pudemos ouvir as impressões do haitiano da equipe sobre nosso trabalho e sobre o que ele encontrou no Haiti, suas expectativas e esperanças. A gravação ocorreu no bairro em que ele morava, na casa de sua família que ainda está em construção e que não foi afetada pelo terremoto.

DOMINGO, 16 DE MAIO DE 2010

## **Surpresa em Jacmel**

Encontramos uma escola de cinema em Jacmel, no Sul do Haiti. Lá tivemos a oportunidade de encontrar alunos e professores da sétima arte e gravamos um depoimento de Ebby, estudante que além de produzir filmes com temáticas fortes é um conhecedor da música brasileira. Um de seus cantores favoritos é Caetano Veloso e seu estilo predileto, a bossa nova. Ele nos deu uma palhinha para o filme.

SEGUNDA-FEIRA, 10 DE MAIO DE 2010

## **Adje**

No centro de Porto Príncipe encontramos Adje, um jovem que perdeu tudo no terremoto. Hoje vive em frente ao Palácio Nacional, em uma barraca onde um monitor de computador é guardado com carinho, lembrança de tudo que perdeu. Ele disse que sempre quiz fazer um filme. E fez.

## **Destruição**

Nesse exato momento resolvi o problema dos acentos. Estou num lugar com wifi, usando um

teclado em português. Resolvido este, sobram todos os outros. Seria um lugar comum falar da destruição de Porto Príncipe. Um chover no molhado. Houve um terremoto muito forte que destruiu muitas construções, incluídas o Palácio Nacional e a catedral, além de milhares de casas. Isso todo mundo já sabe. Deu na TV.

O que não se mostra e é difícil expressar é o sentimento que nos bate ao ver os sinais da destruição. A força plástica de casas inteiras caídas, milhares de barracas espalhadas por toda a capital. Paredes ou tetos de concreto inteiros foram abaixo como se fossem folhas de papel. É triste, impactante. O bom é que o Haiti não se resume à catástrofe. É muito mais que isso.

SÁBADO, 8 DE MAIO DE 2010

## **Chegamos**

Chegamos no Haiti. Aqui esta difícil (*sic*) achar ou ter tempo para a internet, por isso escrevo so (*sic*) agora. Sem acento, porque os teclados aqui nao (*sic*) tem. Mas o maior problema do Haiti certamente nao sao (*sic*) os acentos dos teclados.

A viagem foi tranquila, apesar de cansativa. Encontrei a Sheila e o Steeve que ficaram alguns dias preparando nossa chegada. Abaixo, publico algumas fotos tiradas por ela que achei geniais.

QUINTA-FEIRA, 6 DE MAIO DE 2010

## **Embarcando**

Hoje é o dia. Embarcamos para o Haiti no início da noite. Teremos que fazer duas paradas meio que obrigatórias, uma pela neblina que anda fechando o Aeroporto Salgado Filho e outra por força da conexão. Hoje paramos em São Paulo e amanhã no Panamá. Sábado, dia 7, chegamos finalmente em Porto Príncipe.

Nossa produtora e nosso anfitrião-ator já estão nas terras caribenhas, preparando nossa chegada. Tão logo consiga, postarei novas notícias. Boa viagem!

QUINTA-FEIRA, 22 DE ABRIL DE 2010

## **Passagens confirmadas**

Equipe escolhida. Passagens compradas. A volta para o Haiti está confirmada. Dia 7 de maio embarcamos para Porto Príncipe eu, Marcos, técnico de som e Rodrigo Góes, diretor de fotografia. Com uma parada obrigatória no Panamá, desembarcamos na capital haitiana no dia 8 de maio. Dias antes, a produtora Sheila Zago e nosso ator e assistente de produção Steeve Zephir irão ao país caribenho para acertar os últimos detalhes e preparar a chegada do resto da equipe.

A ansiedade é grande. As noites são incômodas. Por mais que se pense e se trabalhe sobre os detalhes, o diabo continua morando neles. Não sabemos o que vamos encontrar. Certamente muita coisa mudou desde a última vez que estivemos no país. Mas esperamos encontrar a alegria e a força do povo.

Se tudo der certo, publicarei notícias da viagem neste blog. Por isso não deixe de acompanhá-lo.

**ANEXO II**

**Roteiro**

*Ninguém sabe onde fica o Haiti*

## **Ninguém sabe onde fica o Haiti**

por Henrique Maffei

### **CENA 01 - DIA/EXT - Praia**

Ao som dos acordes iniciais da música Haiti de Caetano Veloso, vemos imagens do mar e da praia de Port Salut, enquanto surgem os CRÉDITOS INICIAIS.

A música termina com a frase "pense no Haiti, reze pelo Haiti"

[CORTA PARA]

### **CENA 02 - DIA EXT - IGREJA**

#### **LAURANCE**

Eu estou muito feliz em ver vocês. Vocês também?

Sobretudo que vocês são muito belos, lindos, depois do 12 de janeiro. Isso significa muita coisa. Isso significa que o terremoto tem uma coisa que não pode levar. É o Cristo que está bem vivo em nossa fé. Vamos bater grandes palmas para nós.

### **CENA 03 - DIA EXT - Campo de desabrigados**

#### **ADJE**

Esse dia me pegou na Igreja. Mas é como se... quando vi o terremoto, quando

começou a sacudir, me virou, me enrolou, brrr. Eu vi uma casa na minha frente como que se chegando. Mas não pensei se ia quebrar ou não. Eu só corri e sai. E quando eu sai vi muita gente com a mão na cabeça, machucada... sangue, gente correndo de todo lado. Pessoas gritando. Tira ele daqui! Tira ele de lá! Eu coloquei as duas mãos na cabeça assim e caminhei na rua. Caminhando, cada lugar que eu ia , via as pessoas brancas, cobertas de poeira. Gente em cima de gente. Feridos, com pernas machucadas, gente morrendo, sangue escorrendo. É uma coisa que nunca tinha visto na vida. (...)

É comum eu passar na rua e ver gente morta. Mas gente morta em pilhas, nunca tinha visto. (...)

#### **CENA 04 - DIA EXT - IGREJA**

##### **PADRE**

Eu pensei que era um terremoto mas não imaginei que o estrago fosse tão grande. O dia seguinte eu sai e vi mortos em quantidade. Domicílios destruídos, quebrados.

#### **CENA 05 - DIA EXT - PÁTIO DO PERESTIL**

##### **MAX BEAUVOIR**

Sim. Foi o 12 de janeiro de 2010. Eu senti isso muito bem. Para começar, eu vi a casa levantar e depois cair. Fez isso cinco ou seis vezes. Levantar e cair. Levantar e cair. Eu disse: ou! Naquele momento, começou a ir para frente e para trás. Começou a fazer gwoudou. É por isso que chamamos gwoudou-gwoudou. Eu estava olhando e naturalmente me disseram que muitas casas caíram. Mas pra minha sorte, porque nós no vodu estamos em harmonia com a natureza. É como uma bola que está rolando. Rolamos com ele e ficamos de pé depois. Porque não deixamos isso nos derrubar. Mas os outros que não tem essa flexibilidade caíram e quebraram.

**CENA 06 - DIA EXT - Campo dos Mortos**

**ANDRÉ ETIENNE**

Isso aconteceu mais ou menos as 16h da tarde. Eu estava de pé e senti a terra tremer e quando eu olhei, eu vi todas as árvores tremendo e as paredes caindo

**CENA 07 - DIA EXT - CAMPO DE FUTEBOL**

**FÁBIO**

Ah... O terremoto é uma coisa... Eu disse que não ia falar mais porque falar disso me dá medo mas... foi uma coisa que

fez... boom... Vamos dizer, a gente estava treinando porque o campeonato começaria em 3 semanas. No campo de treinamento de Carrefour. Quando acabamos, do nada... de repente enquanto... habitualmente a gente sempre reza depois do fim do treino. A gente sempre se reúne pra rezar. Enquanto a gente estava rezando a gente ouviu um barulho enorme. Um barulho ensurdecedor.

A gente não sabia o que era (...)  
é um barulho ensurdecedor enquanto estávamos no campo, a gente via paredes caindo, e dissemos: uau, o que está acontecendo? Todo mundo entrou em pânico. Boom... a terra começou a tremer embaixo de nossos pés. Tem gente que achou que era uma explosão, achou que a terra estava virando de ponta cabeça mas... algumas pessoas de maior conhecimento, ou seja, de estudos... perceberam que era um terremoto porque a terra onde a gente estava mexeu balançou... todo mundo estava com medo. Tem jogadores do time que correram e foram se esconder, mas, graças a Deus, nada caiu em cima deles. A sede não sofreu nenhum estrago. É o que fez que não tivéssemos vítimas. Mas foi uma coisa que deu medo a todo mundo. Até hoje tem gente que sempre tem medo disso.  
Eu não vou te mentir. Se tiver um

caminhão grande passando lá fora, vai sentir que aqui está tremendo, vai ver que todo mundo aqui vai entrar em pânico.

Porque a gente não consegue se desacostumar com isso. Nos fez sofrer e... a gente não espera que uma coisa assim aconteça de novo. Mesmo sendo uma tragédia natural, mas a gente não está pronto para viver de novo uma coisa assim.

**CENA 08 - DIA INT - CASA DO ESTUDANTE PORTO ALEGRE**

**STEEVE**

Eu estava aqui. Sofri junto com os haitianos. Terremoto natural, mas pegou um país sem estrutura. 20 anos da minha vida se foram.

**CENA 09 - DIA EXT - PRAIA PORT SALUT**

**MAGDA**

Bateu muito forte. Enquanto isso, a gente estava no pátio. A gente não estava dentro de casa e quando começou a tremer é como se fosse uma tontura. Foi como se tivesse um trovão. Tonteou a gente, depois foi muito forte.

**CENA 10 - DIA INT - VAN DA PRODUÇÃO****ANDERSON**

Foi um evento terrível. Porque eu estava em casa. Eu estava deitado e quando levantei, eu senti uma vibração terrível na casa.(...)

E uma parte da casa caiu. Sorte para mim graças a Deus o lado da casa que eu estava não caiu. Eu tinha um filho embaixo dos escombros da parte da casa que caiu. Mas como não afetou a parte que estava a cozinha, eu consegui encontrar ele são e salvo. Bom, no terremoto eu não perdi familiares, graças a Deus

**CENA 11 - DIA EXT - ESCOLA DE CINEMA JACMEL****EBBY**

Hum... Hã...Foi uma experiência que... que me sacudiu muito... porque eu vivi ele fora... na rua... Apenas saí na rua. Primeiramente senti na minha cabeça. Ok? Apenas saí na rua. Eu senti minha cabeça como se fosse... Sabe quando uma pessoa vai cair, quando se está fraco? Você vai desmaiar, vai entrar em coma... Eu senti uma coisa, achei que eu estava fraco. Eu segurei um poste. Eu falei: O que está acontecendo comigo? E quando olhei, vi gente correndo, motos se batendo, carros.

Depois sentei no meio fio e enquanto sentava, tudo começou a tremer, balançar e aí entendi que era um terremoto. Mas muitas pessoas acharam que era o fim do mundo, está acabando. (...)

Mesmo que tenham casas que não caíram, as pessoas tem medo porque suas casas tem rachaduras.

## **CENA 12 - DIA EXT - ESCOLA PORT-AU-PRINCE**

### **RIGOT ALE**

Em 12 de janeiro, o Haiti foi vítima de um sismo, um terremoto.

É por isso que hoje podemos reparar que temos barracas na escola. Nós temos barracas e com isso se tivesse um abalo, se a terra sacudisse, pelo menos embaixo das barracas teríamos paz de espírito para trabalhar.

Sabemos que tem uma atividade pedagógica, atividade psicológica. As crianças tem que estar psicologicamente prontas para estudar. Quer dizer, depois do trauma de medo que o 12 de janeiro trouxe, certamente as crianças não estão realmente prontas para estudar agora embaixo de concreto. É melhor embaixo das barracas.

**CENA 13 - DIA EXT - CASA PORT-AU-PRINCE****STEEVE**

Ainda não tinha visto nada igual. Vendo  
foi pior. Foi um choque. Tínhamos  
previsto a tragédia. Mas já passou, não  
dá pra olhar pra traz, tem que ver o que  
fazer.

**CENA 14 - DIA INT - ATELIE PINTORES JACMEL****MARCO**

O terremoto já passou, muita gente morreu  
mal porque eles não sabem quais  
precauções tomar. Se um terremoto passar  
amanhã de novo, o povão vai continuar  
morrendo do mesmo jeito. Porque nunca  
tivemos alguém para dizer: se tiver um  
terremoto o que fazer para salvar a nossa  
vida, o que temos que fazer, como temos  
que construir.

**CENA 15 - DIA EXT - IGREJA****COROINHA**

Nós sabemos que a catástrofe de 12 de  
janeiro criou uma situação de  
instabilidade no desenrolar das coisas,  
fazendo com que tenhamos que funcionar  
por tentativas.

**CENA 16 - NOITE INT - CENTRO BRASIL-HAITI****NORMELIA**

Tragédia natural e humana. Produzida. Tem  
que se reconstruir universidades.

**CENA 17 - DIA EXT - CASA COZINHEIRA****KERNA**

Ah... Foi uma coisa terrível... Porque eu  
fui vítima, não sabia o que era  
realmente. Eu estava em casa e uma amiga  
me chamou. Estava dentro e saí. Enquanto  
estava na frente da porta falando com  
ela, senti a terra mexer. Aí perguntei  
pra minha amiga: o que que está  
acontecendo? Aí ela disse: Kerna? O que  
está acontecendo? Aí, quando ela pegou  
minha mão pra correr... Eu ia correr, mas  
caí e desmaiei. A casa caiu em cima de  
mim. Eu fui machucada nas costas. Meus  
braços estavam muito doloridos. Me  
machuquei na cabeça... Mas realmente não  
consigo explicar o terremoto. Porque eu  
fui vítima. Eu estava embaixo dos  
escombros, não sabia o que estava  
acontecendo realmente. Depois ouvi muita  
gente gritar.  
Depois ouvi alguém me chamar. Quando a  
pessoa me chamou eu respondi para ela.  
Vieram me buscar, foram procurar gente

para levar para fora na casa em que eu estava e que desabou. Depois fui para o hospital. Eu vi muita gente machucada perto de mim. Todos fraturados, ferimentos muito graves. Mas... O terremoto é uma coisa que eu não consigo explicar porque para mim eu vi que era o fim do mundo. Do jeito que eu vi a casa sacudir, isso tirou todo meu sentido. Todo meu sentido se foi. Você compreende?

(...)

Eu estava embaixo de uma casa. As pessoas me tiraram. Minha cabeça estava machucada. Quando vieram me levar me falaram que a MINUSTAH estava atendendo as pessoas. Aí Richard me pegou e me levou até o soldado da MINUSTAH. Eles me botaram num carro e me levaram até a Marinha haitiana. Depois disso, naquela terça à noite, a terra estava tremendo, a terra estava tremendo, mas eu não sentia mais porque estava deitada, não podia andar, não vi nada. Só isso.

[CORTE PARA BLACK]

**CENA 18 - LETTERINGS - TELA PRETA**

Em branco vemos a inscrição

"KERNA"

**CENA 19 - DIA EXT - CASA COZINHEIRA**

Acompanhamos Kerna cozinhando, enquanto ouvimos seu depoimento. Detalhes da comida e do fazer em "fogão" de carvão.

**KERNA [cantando]**

Viva mãe, nossa Senhora  
Mãe do povo haitiano  
Esperança dos negros e negras  
Viemos te louvar  
Maria você é a Rainha da nossa casa  
Sua bela coroa na sua cabeça  
Mãe, nosso sofrimento é seu sofrimento  
Sempre será nossas lágrimas dos olhos

**KERNA**

Eu estava deitada e as coisas caíam em cima de mim. Não conseguia abrir os olhos. Apertei os olhos e fiquei chamando Jesus no meu coração. Depois senti as coisas caindo, caindo, machucando meu corpo. Não conseguia sentir a dor. Depois quando recobrei os sentidos eu vi todo meu corpo ensanguentado. Mas... eu agradei muito Estou feliz por ter sobrevivido. Sobrevivi! Tenho braços, tenho pernas, não perdi nenhum membro.

Eu acredito que Deus tem um grande plano para mim, porque sobrevivi esse dia,

porque muita gente não teve essa chance.

Eu me sinto bem quando cozinho. Eu gosto quando eu faço a comida, para depois comer eu mesma, estando no meu gosto. Não gosto de comer quando os outros cozinham. Eu gosto de fazer comida para eu comer. Eu sempre fico feliz quando alguém prova minha comida e me diz que a comida está gostosa. Isso me agrada. Isso me dá vontade de cozinhar todo o tempo. [ri]

Eu prefiro cozinhar peixe. Eu gosto de fazer peixe.

#### **CENA 20 - DIA EXT - PRAIA DE PORT SALUT**

Vemos o pescador em sua barraca na praia.

#### **TI FRE'RE**

Bom... Tem... muitas cores de peixe. Tem peixe barbarain, tem peixe de olhos amarelos, tem peixe pirram, tem prateado, tem laquéu, tem um tipo de peixinho moian, tem um tipo de peixe tac-tac. Tem muitas cores de peixes. Mas você não vai poder ver esses tipos se tu não pegar

**CENA 21 - DIA EXT - CASA COZINHEIRA**

Voltamos a casa da cozinheira.

**KERNA**

Eu gosto de comer também. São bem  
gostosos também.

Quando vou visitar a família, cozinho  
para eles. Mas agora não estou com eles.

Não faço comida para eles.

Tá quente na minha cabeça e pode me dar  
dor de cabeça. Não tem cozinha. A cozinha  
está dentro, mas o fogão não funciona. É  
no carvão que eu cozinho.

**CENA 22 - DIA EXT - CAMPO DOS MORTOS****ANDRÉ ETIENNE**

Corto árvore para fazer carvão. Quando eu  
faço carvão, pago transporte para vender  
no mercado.

Haiti é nossa mãe. É nossa mãe.

**CENA 23 - DIA EXT - CASA COZINHEIRA**

Voltamos a casa da cozinheira.

**KERNA**

Primeiramente, o Haiti é o meu país. Eu me sinto bem quando estou aqui. Porque estou perto da minha família, dos meus amigos. Mas gostaria de ir para outros países estrangeiros para aprender alguma coisa. Depois voltar para o Haiti. Para trabalhar, ajudar outras pessoas que não podem.

**CENA 24 - LETTERINGS - TELA PRETA**

Em branco vemos a inscrição

"EBBY"

**CENA 25 - DIA EXT - ESCOLA DE CINEMA HAITI**

Acompanhamos o depoimento de Ebby, estudante de cinema.

**EBBY**

Meu sonho é aprender tanto no Haiti como em outros lugares. E depois ajudar as crianças que estão crescendo o que eu não encontrei que me impediu de fazer cinema do jeito que eu queria fazer. E também dar para as crianças acesso a um espaço artístico onde desde cedo aprendam a se expressar. Esse é meu sonho. Tornar um artista que ajuda desde minha cidade todo

o país.

Fazer cinema no Haiti é extremamente difícil. Porque não temos, primeiramente, uma cultura de cinema, recém começou e os outros setores artísticos que deveriam dar apoio ao Cinema, educação das crianças, educação artística. Tudo isso falta ao país. O que faz com que desde a escrita até o material final é extremamente difícil fazer funcionar. Mas quando o artista gosta de fazer, vai fazer. Mas no início começamos quase sem nada e fazer cinema é extremamente difícil no Haiti. Extremamente.

Direção e roteiro. São essas coisas que eu mais faço, mais gosto.

Eu tenho um curta-metragem, um pequeno filme, aproximadamente 15 minutos que eu fiz ano passado que se chama "Miss Body Plastic" no título em inglês. Eu escrevi e dirigi.

"Miss Body Plastic" é uma história um pouco controversa. Uma menina que queria ser modelo. Modelo que queria ser top model. Mas, de acordo com os traços da moda, ela não se enquadrava. De acordo

com os padrões internacionais de modelo. Ela é gorda, baixinha. Mas ela tem um sonho de se tornar uma Miss para poder trabalhar num projeto para limpar seu país, o Haiti, que ela gosta muito. Que está cheio de plástico que suja todo o país. Quer dizer, na verdade ela não parece como modelo, mas tem o grande sonho que é a de limpeza da mentalidade e do país também.

**CENA 26 - DIA EXT - RIO PORT-AU-PRINCE**

Vemos um rio da capital coberto de garrafas pet.

**CENA 27 - NOITE INT - CENTRO BRASIL-HAITI**

Acompanhamos o depoimento de Normélia

**NORMÉLIA**

Situação precária é o que choca

**CENA 28 - DIA EXT - ESCOLA DE CINEMA**

Voltamos a acompanhar o depoimento de EBBY

**EBBY**

O outro projeto é uma bela experiência que foi muito difícil para mim. É a história de um jovem menino que vive numa favela que esconde de seus amigos que é

gay. Ele é muito bonito, mas esconde tudo isso. Mas no final, descobrem a verdade. Enquanto eu estava na filmagem do filme, foi uma experiência ruim porque eu percebi como as pessoas tinham medo dessa história. As pessoas homofóbicas, eles tem medo dessa história e então não consegui filmar como queria. Mesmo assim, como foi uma tarefa para a escola, tem aproximadamente 3 minutos que eu extrai pra fazer um curta.

Nossos filmes não tem atores profissionais. Tem jovens que encontramos fora da escola e pessoas da escola também.

Porque eu faço cinema não para... como se fosse... fazer filmes de super estrelas ou qualquer coisa que seja. Fazer filmes que são profundos culturalmente para ensinar as crianças o que eles são, para que aprendam a se conhecer.

#### **CENA 29 - DIA EXT - ESCOLA**

Vemos cortes rápidos de imagens das crianças na escola ao som da música "Haiti"

**CENA 30 - DIA EXT - ESCOLA DE CINEMA**

Voltamos a acompanhar o depoimento de EBBY

**EBBY**

Gosto de tocar música brasileira... gosto de música.

Eu creio que é do Caetano Veloso. Eu assisto ele muito na internet. Ele é uma pessoa que eu respeito. E o trabalho que esses caras fizeram para o Brasil, sempre sonho em fazer para o Haiti. Eles são músicos, intelectuais, eles realmente são forças que ajudam o país.

Música tem um efeito sobre mim extraordinário. E no filme que eu fiz. Uma das experiências que eu fiz foi no roteiro mas também foi experimentando na música. Porque a música que eu queria para ele eu pedi para muitos amigos músicos e eles não conseguiram. Fui obrigado eu mesmo, apesar de não ser músico, criar essa música.

**CENA 31 - DIA INT - CASA DE ESTUDANTES PORTO ALEGRE**

Vemos Steeve em seu quarto, nos mostrando sua música.

**STEEVE**

Vou mostrar minha última música para  
você.

Steeve canta sua música

[CORTINA SONORA PARA]

**CENA 32 - DIA EXT - PRAIA DE PORT SALUT**

Steeve dança junto com Magda na praia.

**MAGDA**

Comecei a dançar num perestil vodu.  
Depois continuei na banda da escola e  
agora estou ligada à salsa. Mas danço  
desde os 6 anos.

**CENA 33 - NOITE EXT - PERESTIL**

Imagens de cerimônia vodu, com muitas pessoas dançando.  
Ouvimos em OFF a fala de Ebby.

**EBBY (em OFF)**

Eu acredito nisso porque o vodu é a  
expressão de nós mesmos como a pessoa que  
somos. De acordo com os antigos escravos  
que vem de um lugar, nós realmente nos  
expressamos de acordo com o que somos no  
nosso interior. Ao contrário, as outras  
religiões, eles vem para mudar a pessoa

que você é.

**CENA 34 - DIA EXT - ESCOLA DE CINEMA**

Voltamos a acompanhar o depoimento de EBBY

**EBBY**

Mistério. Mistério porque... Mistério...  
e montanhas. Mistério e montanhas. Haiti  
é um mistério. Sempre disse isso desde  
que eu era pequeno. Haiti para mim é uma  
criança olhando uma montanha e que tem um  
tambor tocando. É o que é o Haiti para  
mim. Mistério, montanha e tambor.

**CENA 35 - DIA EXT - PÁTIO DO PERESTIL**

Acompanhamos o depoimento de Max Beauvoir.

**MAX BEAUVOIR**

Vodu para mim é a alma de todo o povo  
haitiano. Eu tenho um pedaço dessa alma.  
Assim como todos os haitianos tem um  
pedaço dessa alma. Pelo vodu é que  
sabemos o que temos que fazer e o que não  
podemos fazer. É assim que sabemos o que  
é o bem e o que é o mal. (...)  
O vodu te coloca em ligação com todo o  
universo. Com Deus, com as árvores, com a  
natureza, com o Sol, com a Lua, com todas  
essas coisas. Então o vodu é tudo que eu

sou. É minha alma, é nossa alma, é a alma  
de todo povo haitiano.

**CENA 36 - DIA EXT - ESCOLA DE CINEMA**

Voltamos a acompanhar o depoimento de EBBY

**EBBY**

Porque eu disse mistério? Porque era  
romântico antes de conhecer o vodu  
realmente. Vodou era uma coisa que não  
podia falar em casa. É o tio... É uma  
família que se tornou protestante com um  
tio que pratica vodu que queriam que se  
afastasse dele. E eu, quando estou nos  
campos, nas plantações onde depois da  
escola eu parava, sempre tem montanha.  
Aquele que estiver do outro lado vai  
ouvir um tambor tocando. Isso diminuiu  
agora, mas quando eu era criança sempre  
tinha um tambor tocando. No Haiti tu  
sempre vai ouvir em todas as montanhas.  
Sempre vai ter um ritual em algum lugar.  
O som vem de longe... Sempre foi um  
mistério.

**CENA 37 - LETTERINGS - TELA PRETA**

Em branco vemos a inscrição

"MAX BEAUVOIR"

**CENA 38 - DIA EXT - PÁTIO DO PERESTIL**

Acompanhamos o depoimento de Max Beauvoir.

**MAX BEAUVOIR**

Eu sou ati. Isso significa chefe supremo do vodu.

A roupa que estou usando é a roupa Kouzen Zaka. É um lowá. Significa uma das representações de Deus. Mas uma representação muito especial porque Kouzen Zaka representa o homem haitiano no trabalho. Kouzen Zaka diz que se você quer ter dignidade, honra, tem que trabalhar. Porque é no trabalho que se encontra a fonte da dignidade.

**CENA 39 - DIA/NOITE EXT - PERESTIL**

Acompanhamos Max Beauvoir nos mostrando onde é realizado o ritual vodu. Mesclas de imagens do dia sem ninguém e a noite, com a cerimônia vodu.

**MAX BEAUVOIR**

O perestil é um lugar redondo onde as pessoas dançam para os lowá. Ao redor de uma coisa que se chama potó mitan. As pessoas sentam ao redor, como num anfiteatro. Assim todo mundo acha um lugar e todo mundo está num bom lugar.

**CENA 40 - DIA EXT - PÁTIO DO PERESTIL**

Acompanhamos o depoimento de Max Beauvoir.

**MAX BEAUVOIR**

Vodu vem da África. Mas na verdade, foram os haitianos que fabricaram seu vodu sozinhos. Já tinha raízes africanas, mas ao mesmo tempo tinha raízes indígenas. E foram esses dois, africanos e índios que se juntaram pra fazer o vodu. Vodu é uma ferramenta que nossos ancestrais criaram, organizaram pra usar como tesoura. Quando coloca num lado... coloca num lado a língua creole que a gente fala e no outro lado a religião, o vodu. Os dois juntos formaram a tesoura que cortou as cordas da escravidão.

Quando Deus criou o mundo, criou o homem livre. Não um negro escravo. Então quando começaram com a escravidão, eles quebraram nossa liberdade.

**CENA 41 - DIA INT - ATELIER PINTORES**

Acompanhamos o depoimento de Marco.

**MARCO**

Porque as vezes pintamos uns quadros revolucionários. Uns quadros históricos.

Significa que a nossa explicação nos quadros é reviver tudo o que nossos ancestrais fizeram para nos libertar, podemos dizer que nós artistas precisamos de nossa libertação também. Isso quer dizer, através de uma pintura, expressamos tudo isso.

#### **CENA 42 - DIA EXT - PÁTIO DO PERESTIL**

Voltamos a acompanhar o depoimento de Max Beauvoir.

#### **MAX BEAUVOIR**

A ordem mundial nessa época era a da colonização. É por isso que tinha escravos na América. Tinha escravos em todos os grandes países. E quando os haitianos fizeram a guerra de independência foi uma maneira de libertar não só o povo haitiano, mas todos os povos que estavam na escravidão.

Todos os escravos sabiam muito bem que o exército de Napoleão era maior que eles. Era o maior exército do mundo inteiro. Mas do nosso lado, não tinha medo de enfrentá-los. É por isso, quando fizemos a cerimônia de Bwa Kayman nós chamamos os grandes lowá para vir nos ajudar a combater as forças do exército de Napoleão. Mas não podemos esquecer que o

exército inglês estava presente em Port-au-Prince e no Haiti. Estavam lutando contra os escravos também. O exército espanhol fez o mesmo. Então, a guerra de independência era uma guerra contra todos esses exércitos. O francês, inglês e espanhol.

Porque os franceses não estavam lutando contra um homem só. Eles estavam lutando contra os lowá. É ali que eles perderam.

Quando terminou a guerra de independência em 1 de janeiro de 1804 os haitianos se tornaram independentes e todos os haitianos entenderam que a guerra terminou para eles. Mas na realidade, para os outros, os caras da França, da Espanha, a guerra recém começou. E para os americanos também.

#### **CENA 43 - NOITE INT - CENTRO BRASIL-HAITI**

Acompanhamos o depoimento de Normélia.

#### **NORMÉLIA**

Você tem uma pequena ilha. 13 anos de revolta. Recusa à grande plantação. Pequenas parcelas rurais. Negação a grande plantation. Há uma recusa, não conseguem.

Com a revolução toda a América e a Europa vai dar as costas para o Haiti. Se imagina um Haiti de bárbaros. Todo mundo tem medo do haitianismo. Bárbaros, terríveis, selvagens. Vodou coisa do mal.

**CENA 44 - DIA EXT - PÁTIO DO PERESTIL**

Voltamos a acompanhar o depoimento de Max Beauvoir.

**MAX BEAUVOIR**

Porque a guerra de independência deixou um sentimento ruim no coração dos franceses, dos espanhóis, dos ingleses e em todos os outros povos do mundo. Eles não estavam nem um pouco felizes. É por causa disso que eles, esses povos diabolizaram os haitianos, diabolizaram o vodou. Disseram que todos eram diabos, satãs, demônios. Mas do outro lado, sabemos que não é verdade. É simplesmente porque eles não podiam aceitar o objetivo da guerra de independência.

O povo europeu sobretudo, nós chamamos eles de povo do ocidente. Eles tem um ideal na cabeça. É o ideal de conquista. Quando eles te invejam, tem que conquistar. Conquistar significa transformar tudo em eles mesmos. Mas você nunca será igual a eles realmente. Eles

tem que te conquistar. Eles dizem que sua  
 religião deve partir para conquistar  
 todas as nações. O povo haitiano e o povo  
 brasileiro não podem concordar com isso.  
 Não podem concordar que alguém entre na  
 sua casa para te conquistar. Pode estar  
 bem com alguém. Pode comer e beber com  
 eles. Pode ter amizade com eles. Mas  
 conquistar é outra coisa.

**CENA 45 - DIA EXT - ESCOLA**

Acompanhamos um grupo de crianças cantando o Hino da Bandeira haitiano.

**CRIANÇAS (CANTANDO HINO)**

Em Archaie no 18 de maio  
 Dessalines e Petión e o exército em  
 reunião  
 Se juntaram pra decidir  
 poder caçar o inimigo e ter uma bandeira  
 Ali um soldado fazia continência  
 para a bandeira francesa que tremulava no  
 mastro  
 Dessalines, sem dizer nenhuma palavra  
 pegou a bandeira e rasgou em dois pedaços  
 Ele tirou o branco  
 Era tempo de ter uma bandeira e  
 andar com a cabeça erguida.  
 Ele mandou costurar na casa de  
 Mademoseille Flon

Viva Haiti, viva nossa bandeira.

Refrão

**CENA 46 - DIA EXT - PÁTIO DO PERESTIL**

Voltamos a acompanhar o depoimento de Max Beauvoir.

**MAX BEAUVOIR**

Haiti é o meu país. Haiti é a terra dos haitianos. Haiti é um país que nós entendemos não como quando se escreve Haiti, mas como Ayiti. Ayi vem da terra. É o mesmo que Ayizan que significa que essa terra é sagrada. Achamos que nossa terra é sagrada.

**CENA 47 - DIA EXT - CAMPO DE DESABRIGADOS**

Acompanhamos o depoimento de ADJE.

**ADJE**

Haiti. Era um país lindo mas hoje eu não estou vendo esperança para o Haiti. Porque... bom... Para mim, como haitiano, quando eu vejo o Haiti eu me vejo. Porque se eu não estiver, o Haiti não vai ter valor. E se eu quiser dizer que o Haiti é um país lindo, direi com todas as minhas forças e sempre direi que o Haiti é um país lindo, é virgem. Eu nunca vou parar de dizer que o Haiti é um país lindo,

mesmo que esteja quebrado. Se se transformar em cinzas, enquanto eu estiver aqui, sempre direi que é um país lindo e nunca deixará de ser lindo.

**CENA 48 - LETTERINGS - TELA PRETA**

Em branco vemos a inscrição

"ADJE"

**CENA 49 - DIA EXT - CAMPO DE DESABRIGADOS**

Voltamos a acompanhar o depoimento de ADJE.

**ADJE**

Aqui eu moro desde o desastre. A casa da minha vó caiu. A casa do meu pai caiu. Eu não vejo nenhum lugar para ficar a vontade.

Eu construí uma casinha de madeira, zinco na praça Dessalines mas tinham outras pessoas que não tinham onde ficar... eles saíram de Cabo Haitiano. Então eu doei essa casa pra eles. E nesse momento eu consegui uma barraca e fiquei aqui. De vez em quando eu visito eles

Desde o terremoto estou morando aqui. Eu deito aqui, minha cabeça aqui. Coloco minhas pernas, tiro meus sapatos. Estou

bem aqui. Eu não tenho nenhum problema aqui. Eu tenho meu monitor. Essa é minha barraca.

Acompanhamos Adje nos mostrando sua barraca. Ele se levanta e sai do acampamento. Poucos passos separam sua nova casa do Palácio Presidencial destruído pelo terremoto. Ele caminha em frente ao acampamento. Olha o palácio. Põem as mãos sobre a cabeça. Ao final começamos a ouvir seu depoimento em OFF, até que voltamos para ele.

#### **ADJE EM OFF**

Tem uma coisa que eles falavam logo depois do terremoto: se você não encontra alguém, não ouve falar desse alguém, é porque essa pessoa está morta.

O terremoto é uma coisa natural, não é uma coisa sobrenatural. Isso era para acontecer. Eu fico me perguntando... Tem umas coisas que sempre falamos... Será que não é porque os outros países não estão furando demais a Terra? Se é isso ou se não é... estou sempre me perguntando. Às vezes leio também. Às vezes encontro que os americanos, sobretudo, exploram demais a Terra. É petróleo demais. É um monte de coisas saindo da Terra.

**ADJE**

Eu acho que isso é uma das causas dessas tragédias. Segundo documentários que eu assisti, eu vi que é isso. Natural. Eu não gostaria que uma coisa assim acontecesse de novo. Porque se algo assim acontecer de novo, não vai sobrar mais haitianos.

**CENA 50 - DIA EXT - PRAIA DE PORT SALUT**

Steeve dança junto com Magda na praia.

**MAGDA EM OFF**

Eu estava em Porto Príncipe mas não fui vítima. Na minha família não teve vítimas. Deixei Porto Príncipe no dia 16. Porque não tínhamos mais nada. Perdemos tudo. Nossa casa caiu. Mas a gente tinha um familiar que nos ajudou para voltarmos a Port Salut.

**CENA 51 - DIA EXT - CAMPO DE DESABRIGADOS**

Voltamos a acompanhar o depoimento de ADJE.

**ADJE**

Todo mundo que conversa comigo sempre fala: Adje, tu não devia estar nessa situação. Eu respondo: tem gente mais competente que eu que está nessa mesma

situação.

Se alguém te perguntar como o Haiti está, se o Haiti de antes ainda é o mesmo hoje o que responderia? Você diria que não. Por causa do terremoto, o Haiti desabou, não existe mais Haiti. Mas eu diria que o Haiti existe sim. Existirá enquanto nós haitianos existirmos. Sempre irá existir Haiti. E o Haiti pode ser lindo e mais lindo ainda. A esperança nunca se perde. Tem um provérbio creole, eu não me lembro muito. É um provérbio que os mais velhos sempre falavam: "enquanto a cabeça não for cortada, sempre se poderá colocar um chapéu." Por causa disso, eu como haitiano, sou muito orgulhoso. Porque sou e sempre serei haitiano qualquer seja o país que eu seja naturalizado, sempre serei haitiano. (...)

Eu sempre vou saber a importancia de meu país. Eu sempre vou saber de onde eu sai. Porque eu cresci com a cultura haitiana.

Eu posso me encontrar numa situação assim, mas depois Deus vai me ajudar a sair disso.

**CENA 52 - DIA INT - CASA COSTUREIRO****COSTUREIRO**

Haiti é minha alma. É tudo que eu sou.  
Depois de Deus, estou vivendo, é o meu país. É o meu sangue. É tudo que sou. Eu não vou vender nem renunciar por nada que seja. É o meu país. Posso ir para outro país viver, mas enquanto eu estiver aqui, tenho que aprender que o Haiti é onde eu nasci. É ali que estão minhas origens, original, como se os outros fossem fotocópias. Em tudo que se faz tem original e tem fotocópia, não é? Então eu sou haitiano. Autêntico! Eu sou haitiano autêntico. Não vou tentar nem vender meus direitos nem fazer outra coisa.

Posso me naturalizar em outro país, mas sempre serei haitiano

**CENA 53 - DIA EXT - CAMPO DE DESABRIGADOS**

Voltamos a acompanhar o depoimento de ADJE.

**ADJE**

Ninguém pode me dizer quem eu sou. Eu é que tenho que dizer quem eu sou.

Minha mãe é uma mulher que lava as roupas para as pessoas. Em troca, as pessoas

pagavam. Meu pai, cada vez que ele chegava não sei de onde, brigava com minha mãe. Eu tinha uma tia, chamava Bernadette. Essa tia olhou a miséria de minha mãe, olhou a vida que ela levava e fez ela viajar. Ela viajou em 1987. Foi para Nova Iorque, nos EUA. Até hoje quando estou falando com você, sempre conversei com minha mãe por telefone. Mas nunca vi ela na minha frente, não me lembro dela. Eu era muito pequeno, tinha só dois anos. (...)

Por causa disso, eu como haitiano, cresci com muito orgulho e coragem porque desde criança estou lutando.

(...) Sou um jovem que estou lutando desde criança (...)

Então, um haitiano sempre vai ser um haitiano.

O encontro que fiz hoje é um dia que eu nunca vou esquecer na minha vida

Filmes, são coisas de que gosto muito. Eu gostaria de participar de uma filmagem para me ver voando, pulando, saltando. Tudo isso é meu sonho. Eu não sei se hoje ou amanhã meu sonho vai ser realizado. Mas de qualquer forma eu estou esperando que um dia meu sonho se realize.

**CENA 54 - DIA EXT - CAMPO DE DESABRIGADOS**

INSERT de idosa com a bandeira do Brasil, mostrando os jogadores da seleção que estiveram no Haiti em 2004.

**CENA 55 - DIA EXT - PÁTIO DO PERESTIL****MAX BEAUVOIR**

Eu penso que o Brasil é um grande país.  
Grande, grande país, irmão do país Haiti.  
Eu penso que eles desenvolveram o vodu em  
seu país da mesma maneira que o vodu  
haitiano.(...)

Quando fui para São Paulo, encontrei um  
lugar chamado Palo Kayman, que é  
simplesmente Bwa Kayman, o lugar onde nos  
reunimos, nossos ancestrais se reuniram  
para fazer a guerra de independência. É  
por isso que todos os haitianos,  
naturalmente, são simpáticos ao Brasil. E  
estou contente que os brasileiros são  
simpáticos aos haitianos.

Todos os povos não são simpáticos do  
mesmo jeito. O povo haitiano é muito  
simpático. O povo brasileiro tem o  
carnaval assim como o nosso carnaval. E a  
forma de pensar do brasileiro é um pouco  
a forma de pensar do haitiano. É por isso  
que um é simpático ao outro. Mas nem  
todos os povos tem isso.

**CENA 56 - DIA EXT - CAMPO DE DESABRIGADOS****ADJE**

Um brasileiro é uma criatura humana que aos meus olhos é muito lindo. Homem ou mulher, não estou diferenciando. Os dois são belos. Os cabelos... As qualidades que eu encontro num brasileiro, tudo que ele faz, faz com toda força, com toda coragem. Ele quer ter sucesso com isso. É uma das razões porque eu sou torcedor do Brasil, da seleção de futebol.

**CENA 57 - DIA EXT - CAMPO DOS MORTOS****ANDRÉ ETIENNE**

Brasil? Como se Chama mesmo? Futebol. Um líder de futebol.

**CENA 58 - LETTERINGS - TELA PRETA**

Em branco vemos a inscrição

"FABIO"

**CENA 59 - DIA EXT - CAMPO DE FUTEBOL**

Acompanhamos o depoimento de Fabio, jogador de futebol profissional.

**FABIO**

quem não gostaria de jogar no Brasil?  
Quem não gostaria de um dia chegar no  
Brasil pra evoluir num time qualquer.

Flamengo, Santos - que acaba de ser  
campeão - Corinthians, jogar, ver, marcar  
Ronaldo mas é... é... como posso dizer...  
sim, é meu sonho. Jogar no Brasil.

O que eles tem na casa deles eles seguram  
e desenvolvem. Quando olhamos futebol,  
avançam com ele. Eu me lembro de uma  
anedota - não sei se é verdade - tem uma  
noticia que ouvi, o primeiro gol de  
Ronaldo no futebol deram pra ele um  
sanduíche e uma coca. Mas nós no Haiti  
temos jogadores, não vou dizer que sejam  
tão bons quanto Ronaldo, que tenham os  
talentos dele, mas podem fazer gol  
também. Poderiam dar pra eles um  
sanduíche e uma coca. Mas o Ronaldo não  
ficou só no nível do sanduíche e da coca.  
Ele avançou, avançou até uma época que  
pode ajudar o país dele. Desenvolveu seu  
país, graças ao que ele sabe fazer  
que é o futebol. Nós também, como jovens  
haitianos, não vamos dizer que temos  
todos o mesmo nível, que temos o mesmo  
destino mas nós também poderíamos ajudar  
o país. Olha o terremoto que acabou de  
passar... nós como esportistas, jogadores

de futebol, como esporte nº 1 que temos no país que é o futebol nem podemos ajudar as pessoas que moram perto de nossa casa. Para dizer, por exemplo que vamos doar dólares pra ajudar alguém. Mas imagina se isso acontecesse no Brasil. Ronaldo, Ronaldinho poderiam dizer: vamos doar, doar dólares por que eles tem um costume que é diferente. A ideologia deles é diferente da nossa, haitianos.

**CENA 60 - DIA EXT - RUAS DE PORTO ALEGRE**

Caminhamos acompanhando Steeve pelas ruas de Porto Alegre. Vemos imagens do trânsito, enquanto ouvimos Steeve EM OFF.

**STEEVE (EM OFF)**

Antes de vir para cá o Brasil era futebol, carnaval, praias e mulheres

**STEEVE**

Já vivi dificuldades lá e aqui. Mas aqui as pessoas não querem olhar para a miséria. Problemas sociais existem em todos os lugares. Por isso me identifiquei com o Brasil.

**CENA 61 - DIA EXT - CAMPO DE FUTEBOL**

Voltamos a acompanhar o depoimento de Fabio.

**FABIO**

Minha infância foi catastrófica porque a gente começou num bairro muito pobre. (...)

A gente lutou, lutou até eu atingir o nível que estou. Minha paixão é o futebol e os estudos. Na nossa casa a religião é muito importante. Somos episcopais. Minha infância, como posso dizer, não foi nada fácil porque não cresci com meu pai, só minha mãe, que trabalhava todo dia. A gente cresceu numa comunidade. Por causa disto é que estou rendendo no futebol.

É mais ou menos o Haiti. O Haiti não é uma coisa sempre fácil para uma família criar seus filhos. A vida não é muito fácil. Tem delinquência juvenil, tem monte de outros aspectos que não deviam ter lugar numa sociedade que funciona normalmente. Imagina, como falei antes, eu cresci só com minha mãe que sempre levantou cedo pra trabalhar e só voltava as 20h. Se a gente não tivesse cabeça, hoje não estaria fazendo isso, estaria no banditismo, na vagabundagem, qualquer coisa. Mas o futebol, em certo sentido, estava dentro da gente, dentro da barriga.

**CENA 62 - DIA EXT - RUAS DE PORT-AU-PRINCE**

Mescla de imagens de crianças jogando futebol com diversos tipos de bolas, garrafas PET, na beira do mar, em campo profissional. EM OFF ouvimos a fala de Fabio.

**FABIO (EM OFF)**

O futebol foi uma coisa, como dizer, uma coisa do destino. Desde muito cedo, 4, 5 anos, foi a paixão de todo um grupo de jovens que cresciam numa vila, ou seja, com bola pequena, bola de plástico até com essas bolas que tu está vendo aqui. Sempre foi uma paixão, um desejo que a gente nunca largou. Mesmo quando o país se tornou mais difícil, com o golpe, na época de todas essas coisas, a gente nunca perdeu a coragem de jogar.

Mas com as poucas possibilidades que nós temos, a gente nunca desanimou, sempre avança, trabalha. E se tu está vendo o estado do país pode concluir que não tem nenhuma razão para praticar esportes.

Mas como o esporte é uma coisa vital. O futebol é uma coisa primordial para o Haiti como em outros países do mundo.

Mas é assim, as coisas vão pouco a pouco. Até a gente avançar, esperamos uma coisa melhor nos próximos anos para o Haiti.

**CENA 63 - DIA EXT - CAMPO DE FUTEBOL**

Voltamos a acompanhar o depoimento de Fabio.

**FABIO**

Eu comecei a jogar profissionalmente em 2005. Podemos dizer que eu era da categoria de base no final de 2004 e entrei no profissional em janeiro de 2005, eu me lembro bem.

Eu jogo no AS Carrefour (ASKAR)

A gente não tem título mas trabalhamos muito para conseguir um, para construir um status para ter um melhor desenvolvimento para que o jovem de Carrefour evite a delinquência, a vagabundagem, evite todas as coisas que não deveria. Porque somos jovens. Nós não podemos... se deixarmos, não vejo onde o país vai, sobretudo vemos em qual conjuntura estamos vivendo.

Esperamos um quadro melhor para o Haiti. Para o esporte em geral, para todo o país.

**CENA 64 - DIA INT - CASA PORT-AU-PRINCE**

**STEEVE**

Como jovem posso ajudar dizendo que podemos sim construir um país novo. Para crescer daqui 20 anos é isso. Não deixar os outros decidirem por nós.

**CENA 65 - DIA EXT - CAMPO DE FUTEBOL**

Voltamos a acompanhar o depoimento de Fabio.

**FABIO**

Haiti é um país de sonho, de ambição, como posso dizer isso... de raiva de ganhar, num sentido ou noutro, eu sou... eu vivo com uma outra concepção do esporte que se chama futebol. Vamos dizer que eu não gosto do jogador estiloso, que brinca com a bola, gosto do cara que quer ganhar. Um jogador com caráter e que perder não seja prazer para ele. Eu... meu modelo, eu gosto de Francisco Totti. Então, tem outros jogadores que pelo charme, que pela elegância na jogada também me dá prazer. É o caso do Ronaldinho, Messi... Ronaldo é outra coisa, um fenômeno, mas meu modelo, minha preferência é Totti. É Totti que eu gosto. Francisco Totti, italiano.

Meu maior sonho é conseguir contrato na Europa. Ir jogar, fazer meu valor,

mostrar meu talento e mostrar para todo o mundo que os haitianos também são capazes. Progredir para um nível superior que é diferente do nosso. Meu sonho é jogar no Marseille, Bayer, Milan, mas também, porque não falar, Corinthians, para eu ver, marcar, passar para o Ronaldo fazer um gol. Porque eu não posso sonhar em marcar o Roberto Carlos? Fazer um cruzamento, driblar... O sonho está, mas as possibilidades não... Falta... apoio, porque temos talentos aqui, eu acho.

**CENA 66 - DIA EXT - PRAIA DE PORT SALUT**

Steeve dança junto com Magda na praia.

**MAGDA**

Meu sonho é me tornar uma grande dançarina. Onde todo mundo queira me ver em qualquer lugar que eu esteja

**CENA 67 - DIA EXT - PRAIA DE PORT SALUT**

Em plano detalhe vemos o pescador costurando a rede.

**TI FRE'RE (EM OFF)**

Qual é meu sonho na vida? Sonho para eu ter na vida agora... Eu sei quanto eu tenho, mas não sei quanto falta. É o que

eu vi em mim e eu gostaria de viver...  
preciso ter a possibilidade para viver  
até chegar num ponto em que Deus chegue  
para mim... e eu vou. Não quero saber  
mais nada. É o que eu vi na minha vida.  
Enquanto eu estou aqui eu vi que posso  
comer, posso beber, enfim eu não tenho...  
(...) não tenho problema. É só o que eu  
preciso. Não preciso mais nada.

**CENA 68 - DIA INT - ATELIER PINTORES**

Acompanhamos o depoimento de Marco.

**MARCO**

A pintura, posso dizer que é tudo que  
sou. É toda uma vida que passa através da  
pintura. Quando eu estou pintando, eu  
realmente me sinto bem.

Vamos planos detalhes de quadro sendo pintado.

[CORTA PARA]

**CENA 69 - DIA EXT - RUAS DE PORT-AU-PRINCE**

Vemos telas de pintura sendo vendidas nas ruas. Plano detalhe  
de um quadro que mostra o dia do terremoto.

**CENA 70 - DIA EXT - CAMPO DE FUTEBOL**

Voltamos a acompanhar o depoimento de Fabio.

**FABIO**

O terremoto que passou fez o campo onde a gente treina se tornar um grande abrigo para desabrigados. Vamos dizer que tem um hospital que a comunidade internacional, a Alemanha nos ofereceu e isso impede de que a gente treine no nosso campo habitual. Nossa sede. Por isso que onde estamos hoje treinando, recebemos jogos. Você está vendo que esse local não é bom. Mas... Nossa verdadeira sede é no centro esportivo de Carrefour.

...não é o lugar onde deveríamos estar treinando futebol. Mas é o Haiti. A gente vive com o que tem. Mesmo que não seja nosso sonho, mesmo que não seja nossa visão para jogar num campo assim, mas é assim, vivemos com nossas possibilidades.

**CENA 71 - DIA INT - IGREJA****PADRE**

Haiti é um país martirizado. As pessoas são felizes... não estão acostumadas com muitas coisas, então ficam felizes. Mas a gente sabe que está na miséria, no

sofrimento, a gente sabe que isso não é normal, mas sempre foi assim. A gente aceita, suporta e aguenta.

#### **CENA 72 - DIA EXT - CAMPO DE FUTEBOL**

Voltamos a acompanhar o depoimento de Fabio.

#### **FABIO**

Quem teria crescido num meio e não seria orgulhoso dele? Só poderia dizer que essa pessoa é insana, uma pessoa que está vivendo... que não está vivendo.

Imagina... quem passaria toda sua vida aqui e não teria orgulho de ser haitiano. Mesmo que os problemas sejam enormes, mesmo que as possibilidades sejam pequenas, mesmo assim, o que está no coração, está sempre.

A comunidade da diáspora sempre vai te falar do Haiti. Haiti é nossa casa. Haiti é nossas entranhas. Sempre vou ser orgulhoso de dizer que sou haitiano, apesar que está quebrado, apesar de q... Eu não sei quando voltará a ser o que era, mesmo que não fosse muito melhor do que isso. Vou ser sempre orgulhoso de dizer que eu sou haitiano, eu.

Numa palavra... Não sei o que dizer. Numa

palavra... Eu não vejo não. Não vejo o que poderia dizer... numa palavra? Não creio que posso encontrar uma palavra pra resumir o Haiti.

Bom. Pode ser... Haiti. Vamos dizer tem várias ligações, várias frases que poderiam qualificar o Haiti. Vamos dizer. Digamos... país, país onde que os talentos não tem apoio. Posso dizer também país onde os jovens estão sofrendo. Posso dizer também país onde falta... faltam muitas coisas, digamos, no esporte, politicamente, as coisas não estão boas esportivamente, economicamente falta. Poderia dizer, em suma, país de sofrimento. É o que eu poderia dizer numa única palavra. Única frase.

### **CENA 73 - DIA INT - VAN DA PRODUÇÃO**

#### **ANDERSON**

O problema que nós atravessamos atualmente é uma questão de atividade que não tem na sociedade. É uma sociedade que não tem atividade. Então... é uma sociedade que não tem quase atividade como se... é uma sociedade que tem lavagem de dinheiro de parte internacional e local que se faz. Você vê muitos carros bonitos que

correm, tem muitas coisas funcionando, mas no fundo, no Haiti, o que se chama o povo, a população mesmo não melhorou, cada dia tem mais gente que se torna mais pobre cada dia. Tem em torno de 80% da população que vive com menos de 1 dólar americano. Então o governo nunca procurou um meio de criar um crescimento econômico para criar uma estabilidade político-social para favorecer o investimento, para dar à população condições de funcionar, não tem essas coisas. Então, esses problemas vão eclodir em outras crises que são mais, que são muito mais agudas... crises que serão muito mais terríveis no futuro do país.

#### **CENA 74 - LETTERINGS - TELA PRETA**

Em branco vemos a inscrição

"ANDERSON"

#### **CENA 75 - DIA INT - VAN DA PRODUÇÃO**

##### **ANDERSON**

Antes de ser motorista eu era comerciante. Como estudei mecânica, sou mecânico. Então trabalhei assim... de vez em quando para alguns clientes, amigos,

particulares.

Porto Príncipe. Tínhamos loja no centro da cidade. Eu me preocupava com a loja e trabalhava como mecânico eventualmente, nos domingos.

2004, 30 de setembro teve uma crise política, onde todos os militantes do Lavalas se sentiram fora do poder, Gerard La Tortue, Boniface. Então eles começaram a protestar, um protesto violento, político. Então eles colocaram fogo em muitas lojas. Mais de 23 lojas foram queimadas. Então... a minha fazia parte das 23. Isso me deixou desempregado durante muito tempo

Eles foram tentar assaltar uma loja perto. O dono da loja tinha segurança que matou alguns deles, então... colocaram fogo numa loja que vendia álcool e essa loja queimou as outras.

A loja estava fechada. A loja estava fechada. Quase não tinha ninguém na loja. Não tinha ninguém. O fogo começou a noite.

Desde o ano de 2005, a gente enfrentou uma crise econômica. Meu negócio

desapareceu e eu tive que me tornar motorista como forma de sobreviver.

Fiquei muito estressado e comecei a ter muitas dívidas em todas as companhias que comprávamos a crédito. Então, a gente hipotecou nosso bens pra ter uma salvaguarda.

Crises políticas no Haiti sempre tem...  
Todos os negócios que ficam perto de bairros populares acabam sendo vítimas

#### **CENA 76 - NOITE INT - CENTRO BRASIL-HAITI**

Acompanhamos o depoimento de Normélia.

#### **NORMÉLIA**

O Haiti não é para principiantes  
É e não é o Brasil.

#### **CENA 77 - DIA INT - VAN DA PRODUÇÃO**

#### **ANDERSON**

E os brasileiros sempre trouxeram grande apoio para nós. Então é um povo respeitoso com o Haiti. O Brasil é um parceiro interessante para nós. Depois do Brasil e da Venezuela, não creio que temos melhor amigo na América.

Então, o Brasil é um país que particularmente está no nosso coração aqui. É com... é com muita emoção que os haitianos sempre falam do Brasil porque o brasileiro é um povo que tem uma grande parte de sua cultura parecida conosco. É um povo muito corajoso que nem nós. É um povo que manifesta muito amor pela cultura e arte que nem nós. É um povo que tem uma grande parte que nem nós que está na miséria.

Haiti é um país que está sofrendo, que precisa... que precisa ajuda de todos.

#### **CENA 78 - DIA INT - IGREJA**

##### **PADRE**

A ajuda chegou, mas a maioria das vezes não está bem organizada. Tem muita comida. Tem gente que consegue muito e tem gente que não consegue nada.

A MINUSTAH faz o que pode ou o que deveria fazer, mas podia fazer muito mais. A MINUSTAH poderia ajudar o povo a sair dessa situação. A MINUSTAH poderia estar num processo de desenvolvimento com o povo.

**CENA 79 - DIA INT - ATELIER PINTORES****MARCO**

Posso dizer que a MINUSTAH no Haiti. Eu não tenho grandes detalhes sobre a MINUSTAH. Mas posso dizer que visivelmente, todo mundo vê que é um grupo armado com armas pesadas sobre o povo. Sobretudo para as crianças que estão em fase de crescimento, intimidando as crianças com armas pesadas. Então... Nós o que queríamos aqui não é a MINUSTAH com armas pesadas, porque os soldados da MINUSTAH, nos países deles também tem insegurança. Eu acho que essas grandes armas eles poderiam usar nos países deles. Mas nós vamos precisar de técnicos. De todos os países para nos ajudar. Vir nos ajudar para funcionarmos. Pra poder trabalhar, aumentar nosso conhecimento, trazer livros para nós em vez de trazer grandes armas. É o que a gente gostaria aqui. Em vez de MINUSTAH com grandes armas porque cada haitiano pode se acertar um com o outro. Minustah não precisa estar aqui. E não é a MINUSTAH que vai conseguir fazer que nós nos acertemos. MINUSTAH está intimidando com grandes armas. Mas a MINUSTAH mesmo, não é a MINUSTAH que nós precisamos no país esses dias, nós precisamos de

técnicos em agricultura. Técnicos em necessidades, em tudo. Nós precisamos de escolas profissionais, hospitais. Para o jovem conseguir ter boa formação para um dia realmente, como acabei de te dizer, para ter nossa liberdade.

#### **CENA 80 - DIA INT - VAN DA PRODUÇÃO**

##### **ANDERSON**

Eles nos ajudam a assegurar certos prédios do estado, públicos. Mas isso não significa paz, porque a frustração que o governo, que a comunidade internacional criou dividindo a sociedade da forma como distribuem ajuda. Então... é frustração que se cria quando tem revoltas isso pode... a consequência pode ser muito mais dura do que a causa.

Isso quer dizer, no fundo, no Haiti a MINUSTAH não trabalhou ainda para trazer paz mesmo porque para trazer paz para o Haiti tem muitas necessidades, tem que dar muitas respostas sociais para trazer paz.

#### **CENA 81 - NOITE INT - CENTRO BRASIL-HAITI**

##### **NORMÉLIA**

Haiti está numa situação de tutela.

Nós temos problemas de aceitar a alteridade. ONGs vem com propostas prontas e não funciona. Não se constrói um projeto de vir e ouvir. Não funciona.

## **CENA 82 - DIA INT - VAN DA PRODUÇÃO**

### **ANDERSON**

As ONGs tem a política internacional do país que ela está representando que eles trazem para o solo haitiano. Então, no final das contas, as ONGs servem muita gente ao mesmo tempo desde que elas existem num país, esse país nunca vai avançar. Porque desde que este país avance o espaço para elas vai desaparecer. Então, elas sempre criam divisão. Sempre tem perturbação em todos os países que elas estão. Cada vez que tem perturbação, elas crescem, crescem, crescem. Se tivesse 10, se tornam 20, 30, 40, 50, então elas, na desordem, na falta de organização do estado, da estrutura do estado, na aplicação errada dos direitos nos países que elas nascem. É a partir da fraqueza do estado. Então, é porque nosso estado é fraco que faz com que elas existam. Mas enquanto elas estiverem aqui, também nosso estado nunca vai ser forte. Elas são úteis para nós mas nos causam muitos prejuízos

também.

Até a presença das ONGs é uma forma de  
corrupção.

Então, Haiti é um país totalmente  
corrupto até na maneira como as ONGs  
estão funcionando, até na maneira que o  
Estado está funcionando. Até a população  
também.

Então, isso é uma forma de corrupção. A  
população permite que o Estado faça  
corrupção de uma forma fácil, porque  
está numa pobreza terrível. Eles estão  
tanto na miséria, eles sempre mendigam,  
mendigam, mendigam. Isso faz com que a  
corrupção aumente mais porque sempre se  
encontra um agente para encobrir a  
corrupção. Usa a pobreza da população  
para encobrir toda a forma de corrupção  
que faz. Tanto as ONGs quanto o Estado.

**CENA 83 - DIA INT - CASA DE ESTUDANTES PORTO ALEGRE**

Vemos Steeve em seu quarto.

**STEEVE**

A gente aprende a sobreviver desde criança.

Eu sonho com o Haiti

Tu sente a dor deles também

**CENA 84 - DIA INT - VAN DA PRODUÇÃO****ANDERSON**

Não é um povo feliz. Mas com Deus,  
coragem que esse povo tem, isso permite  
que ele sobreviva ainda assim.

**CENA 85 - NOITE INT - AULA DE DANÇA, STEEVE NOVO HAMBURGO**

Em sequência de imagens, vemos Steeve ensinando passos de  
dança para seus alunos.

**CENA 86 - LETTERINGS - TELA PRETA**

Em branco vemos a inscrição

"STEEVE"

**CENA 87 - DIA EXT - RUAS DE PORTO ALEGRE**

Caminhamos com Steeve.

**STEEVE**

Quando eu danço falo do meu país. É meu  
momento de felicidade.

**CENA 88 - DIA EXT - PRAIA DE PORT SALUT**

Steeve dança junto com Magda na praia.

**MAGDA**

A dança é o meu apoio, é minha força.  
Porque sem a dança, realmente, quer  
dizer, quando a gente não ouve música,  
não dança, é muito stress. Eu fico um  
pouco estressada, então eu danço. Dançar  
é minha paixão.

Steeve é um grande professor de dança. Eu  
gosto de ver a maneira dele dançar.  
Realmente é muito bom. É realmente bom.  
Super.

**CENA 89 - DIA INT - CASA DE ESTUDANTES PORTO ALEGRE**

Vemos Steeve em seu quarto.

**STEEVE**

Eu adoro dançar.  
O Zouk é uma música de amor. No Caribe,  
quando não se fala de festa, se fala de  
amor.

É uma república, uma casa de estudantes  
Aqui é o território haitiano da casa.

Eu estava aqui. Foi difícil. O terremoto  
é natural, mas pegou um país sem infra-  
estrutura.

Nunca vamos encontrar o Haiti que  
conhecemos. 20 anos de minha vida se

foram. As ruas, os prédios, nossa vida  
foi embora.

**CENA 90 - DIA INT - CASA COSTUREIRO**

**COSTUREIRO**

Eu vim para cá depois do terremoto. Eu  
não estou aqui definitivamente. É o  
terremoto que me expulsou.

**CENA 91 - DIA EXT - ESCOLA**

**RIGOT ALE**

É... sim, pois foi uma catástrofe natural  
que afetou todo mundo. Nós também  
perdemos alguns alunos. Nós perdemos  
aproximadamente entre 12 e 14 alunos.

A vida está timidamente voltando como  
vocês repararam, a vida realmente está  
voltando no Juvenal. Só que estamos  
embaixo das barracas e não sabemos quando  
sairemos delas.

Porque num país que não tem escola  
podemos dizer que não tem vida. Podemos  
dizer não tem vida sem escola

**CENA 92 - DIA EXT - RUAS DE PORTO ALEGRE****STEEVE**

Sem educação não se vai longe. Por isso os jovens haitianos estudam.

Temos muitas dificuldades para estudar Haiti? Terra de luta. Nossa história, nossa sobrevivência sempre foi de muita luta.

**CENA 93 - DIA EXT - PRAIA DE PORT SALUT****MAGDA**

Haiti é a minha mãe. É o sangue que escorre em minhas veias. Haiti é tudo que eu possuo. Eu realmente amo o Haiti. Eu amo muito o meu país, muito. Eu, por isso, grito todo dia Viva Haiti.

**CENA 94 - DIA EXT - RUAS DE PORT-AU-PRINCE**

Sequência de diversas cenas de rua de Port-au-Prince. Muito barulho ambiente.

**CENA 95 - DIA INT - CASA PORT-AU-PRINCE****STEEVE**

Estou aqui há 14 dias. Estou cansado. Aprendi muita coisa

Chegamos mais perto da realidade. Nunca quis voltar numa situação assim.

Nuance entre felicidade e sofrimento.  
Choca quem vem de fora. Mas tem esperança nas pessoas.

**CENA 96 - DIA EXT - ESCOLA**

**RIGOT ALE**

Eu diria que Haiti é orgulho. Quando digo orgulho, o haitiano em geral é muito orgulhoso no que faz.  
Resumir numa palavra, digamos que Haiti é orgulho.

**CENA 97 - DIA INT - CASA PORT-AU-PRINCE**

**STEEVE**

Ser orgulhoso é ter sorriso sempre. Estou feliz de estar vivo. Feliz porque tem gente pensando nesse país. Meu povo ainda está unido. Eles se ajudam.

Ainda não tinha visto nada igual. Mas o pior foi vendo. Eu me perdi.

Ainda vejo o efeito do terremoto psicológico, econômico.

Mistura de felicidade e sofrimento.  
Fiquei muito emocionado, foi um choque.

Eu me perdi aqui. Pensei que era estrangeiro. Já vi favela, polícia invadindo morro. Sou haitiano sim, mas isso não significa aceitar o jeito que as pessoas vivem aqui. No Brasil é mais ou menos assim. No Brasil tem que olhar com óculos pra ver os problemas.

**CENA 98 - NOITE INT - CENTRO BRASIL-HAITI**

**NORMÉLIA**

Como nós brasileiros ignorávamos a existência do Haiti até o envio de tropas.

Muitos confundem Haiti com Tahiti. África e Haiti só existem quando tem catástrofe.

Lingua é cultura.

O vodou é mais que religião é uma cultura.

**CENA 99 - DIA INT - CASA PORT-AU-PRINCE**

**STEEVE**

Não pode falar de Haiti sem falar do vodou A gente quer negar o que a gente é. O vodou é vítima de hipocrisia. Queremos negar o que é nosso para usar o que vem de fora.

O dia que a gente voltar a aceitar nossa

identidade a gente vai voltar a ter  
respeito pela natureza. Criar o respeito  
entre nossos irmãos mesmo.

**CENA 100 - NOITE INT - CENTRO BRASIL-HAITI**

**NORMÉLIA**

Religião afro-haitiana, cultura forte

Miscigenação

Nação que se constrói como nação negra.  
Quando se torna nação a maioria é  
africana.

**CENA 101 - LETTERINGS - TELA PRETA**

Em branco vemos a inscrição

"NORMÉLIA"

**CENA 102 - DIA INT - ESCOLA INSTITUTO BRASIL-HAITI**

Sequência de imagens de Normélia dando aula de português para  
haitianos.

**NORMÉLIA (ESCREVENDO NO QUADRO)**

Um país que tem muitas praias. Grande  
História  
O Haiti é um país cuja história é  
conhecida em todo o mundo

**CENA 103 - NOITE INT - INSTITUTO BRASIL-HAITI****NORMÉLIA**

Professora e estuda literatura haitiana  
Assumi a história e a literatura haitiana  
Aqui quem vem, volta.

Os haitianos acolhem muito bem as pessoas  
O que faz com que as pessoas voltem. Meu  
caso é a história do Haiti. Penso no  
contexto de nossa formação. Haiti é o  
primeiro exemplo na história ocidental de  
uma revolta pela liberdade. Depois da  
revolução resistência contra o acúmulo de  
riqueza. Proposta não acolhida nem pelo  
Estado nem pelas nações. Então ele sofre  
um isolamento e uma estigmatização muito  
forte. Depois intervenções.

Haiti é liberdade e igualdade. Se elite  
ou povo muda a perspectiva.

**CENA 104 - DIA EXT - PRAIA DE PORT SALUT**

Estamos na barraca do pescador.

**TI FRE'RE**

Sim, eu sou daqui. Sou do país Haiti. Sou  
daqui. Eu não venho de nenhum outro  
lugar. É aqui, no país do Haiti que eu  
nasci.

Haiti? O que é o Haiti pra mim? Então, o Haiti é o meu país, nele que eu nasci.

Meu país. Eu não nasci em país estrangeiro, no Haiti que eu nasci. É por causa disso... é a língua do Haiti que eu sei.

**CENA 105 - NOITE INT - CENTRO BRASIL-HAITI**

**NORMÉLIA**

Eu estava sentada ouvi um grande barulho.

Nossa, a casa ta se mexendo

Arte se alimenta do vodu. Na imaginação o Haiti fez todas as viagens. Forma de ter mobilidade. Viagem na arte e na religião.

**CENA 106 - DIA INT - ATELIER PINTORES JACMEL**

Estamos no atelier. Marco mostra suas telas.

**MARCO**

Sim, essa é minha tela, Marco. Depois eu tenho alguns que estão amarrados aqui.

Posso mostrar para vocês. Isso é pra dizer que esses quadros são comerciais. Você faz para vender rápido. Mas as boas obras mesmo, como dizer... tenho esses quadros. É Marco. Sim... é isso. Eu tenho desse estilo também.

**CENA 107 - LETTERINGS - TELA PRETA**

Em branco vemos a inscrição

"MARCO"

**CENA 108 - DIA INT - ATELIER PINTORES JACMEL****MARCO**

Mas todos os artistas são revolucionários  
(...)

Com a pintura que nós estamos fazendo nós  
representamos o país de maneira válida

Apesar de que o estado Haitiano vê que  
quando o branco chega aqui uma única  
coisa que lhe interessa é pintura...  
quando ele volta para casa, eu creio que  
é com uma pintura que sempre leva como  
lembrança. Portanto, eu sempre acho que o  
estado haitiano poderia dar mais bola  
para a questão da pintura, apoiar os  
jovens... digamos... eu acho que do mesmo  
jeito que falam do Brasil no futebol,  
poderiam falar do Haiti na área da  
pintura.

Haiti em uma palavra. Haiti querido.  
Haiti Tomás. É a mesma coisa, mas eu  
estou pedindo mudança. Vamos dizer que  
Haiti seja mudança. Numa palavra,

mudança. Mudança em todos os sentidos.

Precisamos de mudança.

Esse é o quadro que representa... Aqui é o Haiti Cherri. Isso quer dizer... temos... temos o espírito. Mas precisamos de uma luz para iluminar o cérebro da cabeça do país. Onde vai tocar boas músicas de verdade. Mas tem outras coisas que representam música como tambor, chocalho que representa nossa vida. Tudo isso, então, é o que é o Haiti. Digamos... isso é o Haiti. Haiti, compreende?

#### **CENA 109 - NOITE INT - INSTITUTO BRASIL-HAITI**

##### **NORMÉLIA**

Fala-se de Porto Príncipe como se fosse o Haiti. Mas Porto Príncipe é muito pouco.

#### **CENA 110 - DIA EXT - PRAIA PORT SALUT**

Vemos a praia com os pescadores ao fundo.

#### **CENA 111 - DIA EXT - PRAIA DE PORT SALUT**

Estamos na barraca do pescador.

##### **TI FRE'RE**

Desde pequeno. Desde criança é nisso que

eu cresci. É nisso que eu nasci.

**CENA 112 - LETTERINGS - TELA PRETA**

Em branco vemos a inscrição

"TI FRE'RE"

**CENA 113 - DIA EXT - PRAIA DE PORT SALUT**

Voltamos para a barraca do pescador.

**TI FRE'RE**

Bom. Lugares pra procurar o peixe? Tem muitos lugares pra ir procurar o peixe.

Bom, as vezes tem, mas não é fácil encontrar muitos. Por falta de material pra ir onde o peixe está. Porque o físico não está fácil e os materiais são caros.

Faz tempo que a gente não pega tubarão aqui. Mas o tubarão se encontra nas correntes marítimas. É lá que ficam os tubarões.

Tem todo tipo. Tem grandes e tem pequenos. Mas se acontece nesse momento... faz muito tempo que não se encontra por aqui. Se acontece de tu

pegar um tubarão é porque tu está quase num país estrangeiro. Porque tubarão não fica na praia, só em alto mar.

Todos os dias, só vou dormir em casa. Também vou cuidar dos bichos, das minhas plantações, só isso. Mas fora isso, a qualquer hora eu fico aqui. Ali está meu barco. Aqui onde eu estou, estou sempre trabalhando. Nunca fico sem vontade de trabalhar. Porque essa barraca é minha, eu que tenho os direitos sobre ela.

Meus filhos? Não todos. Alguns deles aprenderam a pescar. Alguns não aprenderam. Tenho só dois filhos homens e...

Esses pedaços de chinelo? É para que fiquem boiando. Isso é chumbo pra segurar embaixo d'água. Isso é pra fazer ficar assim.

Sim, sempre acordo cedo. Eu levanto cedo. As vezes eu saio, as vezes eu não saio. As vezes posso fazer outro trabalho (...) É o trabalho de Deus. Se tem, eles trazem, se não eu me resigno. O que eu tenho é o que eu como. Mas aqui é toda minha vida.

[CORTINA SONORA PARA]

Ouvimos um ruído muito forte

[CORTE PARA]

**CENA 114 - TELA PRETA**

Ficamos com a tela preta, em silêncio absoluto por 35 segundos.

[TRANSIÇÃO PARA]

**CENA 115 - DIA EXT - CAMPO DOS MORTOS**

Vemos uma sequência de imagens do Campo dos Mortos. Detalhe da Cruz, com suas fitas pretas amarradas. Percebemos que a Cruz está voltada para o mar.

**OFF**

Barulho do vento e das fitas

Sobre as imagens, os letterings.

**LETTERINGS**

No dia 12 de Janeiro de 2010, o Haiti foi afetado por um terremoto.

O sismo atingiu 7,6 graus na escala Richter e durou 35 segundos.

Estima-se que 1,5 milhão de pessoas

perderam ou sofreram danos às suas casas.

O número de mortos é incalculável.

Fala-se em 300 mil.

A impossibilidade da identificação de tantos corpos e a tentativa de evitar a proliferação de doenças pela quantidade de cadáveres forçou a utilização de valas comuns.

Valas comuns também eram usadas para esconder as vítimas da Ditadura Duvalierista.

Esta é uma das maiores, mas não a única, onde estão enterrados milhares de corpos. Muitos mortos ainda estão embaixo de escombros.

[TRANSIÇÃO PARA]

#### **CENA 116 - TELA PRETA**

Ficamos alguns segundos em black.

[TRANSIÇÃO PARA]

[CORTINA SONORA PARA]

#### **CENA 117 - DIA EXT - ESCOLA DE CINEMA JACMEL**

Acompanhamos Ebby tocando e cantando a música "Desde que o

samba é samba" de Caetano Veloso.

**EBBY (CANTANDO)**

A tristeza é senhora  
Desde que o samba é samba é assim

[TRANSIÇÃO SONORA PARA]

[TRANSIÇÃO PARA BLACK]

Passamos a acompanhar a versão original cantada por Caetano e Gil, enquanto sobem os CRÉDITOS FINAIS.

**EPÍLOGO - DIA EXT - ESCOLA DE CINEMA JACMEL**

EBBY [em português]

Muito Obrigado

**\*\*\*FIM\*\*\***